

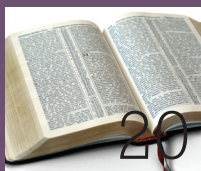
Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 73 · Nº 777 · €1,80

Fevereiro 2012

O que aprendi
do tempo bem
passado com
Deus.

Da Adoração ao Reavivamento



**Poder do
Pentecostes**
Lições básicas sobre o
crescimento dirigido pelo
Espírito.



**Amor
Inteligente**
Bons fundamentos para
um relacionamento de
qualidade.



**Confia em
Deus**
O amor de Deus é o
“motor” da nossa vida.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

05 fev. – Conselho Nacional de Educação

Visitas às Igrejas

11 fev. – IASD Lisboa-General Rôçadas

ÁREA DE EVANGELISMO

(Escola Sabatina, Ministério Pessoal e Evangelismo)

Projetos Evangélicos 2012

“Florescer Mirandela” – RE Norte – Continuação do Projeto iniciado em 2010.

Montijo – RE Lisboa e Vale do Tejo
Santarém – RE Lisboa e Vale do Tejo
Vila Real de Santo António – RE Alentejo e Algarve

Projeto “O Grande Conflito”

10 fev. – Envio do segundo sermão (envio por e-mail – correio eletrónico)

27, 28 e 29 fev. – Entrega dos livros por Região Eclesiástica (data, hora e local a confirmar)

3 mar. – Sábado Especial: Segundo sermão; Entrega dos livros aos membros nas igrejas.

Visitas às Igrejas

03 fev. – IASD Tavira
25 fev. – IASD Cascais

Para mais informações visite o sítio do Departamento: www.adventistas.org.pt/evangelismo.
Visite e divulgue o sítio do Instituto Bíblico de Ensino à Distância: www.institutoonline.org

DEPARTAMENTO DE MORDOMIA

Visitas às Igrejas

04 fev. – IASD Comenda – Culto – “Celebrar Cristo na Minha Vida”; Tarde – “Dádivas do Céu”

11 fev. – IASD Viana do Castelo – Culto – “Celebrar Cristo na Minha Vida”; Tarde – “Mordomia Total”

18 fev. – IASD S. João da Ribeira – Culto – “Celebrar o Reavivamento e Reforma”; Tarde – “Dádivas do Céu”

25 fev. – Igreja de Viseu – Culto – “Celebrar o Reavivamento e Reforma”; Tarde – “Rodas Dentro de Outras Rodas”

27 fev. a 2 mar. – Odivelas – “Seminário Administrar Bem é Viver Melhor”

O “Programa Servo Fiel e Prudente” continuará a ser implementado junto das famílias aderentes ao longo de todo o trimestre. Oramos por uma bênção muito especial da parte de Deus junto de todos aqueles que estão envolvidos neste programa.

DEPARTAMENTO DA FAMÍLIA

Departamento de Famílias

11 a 18 fev. – Semana da Família

Visitas às Igrejas

04 fev. – IASD Canelas
25 fev. – IASD Sangalhos

Ministérios da Criança

Visitas às Igrejas

04 fev. – IASD Portimão – Grupo de Leste
18 fev. – IASD Alpendurada

DEPARTAMENTO DE SAÚDE E TEMPERANÇA

Visitas às Igrejas

Disponível para visitar alguma igreja que o solicite. Datas disponíveis: 11 de fevereiro; 17 de março e 21 de abril.

Cada Igreja é um Centro para a Saúde da Comunidade; cada Membro é um Obreiro promotor de Saúde!

DEPARTAMENTO DE JOVENS

04 fev. – Jornadas JA

DEPARTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES

19 e 20 fev. – Ação de Formação – Encontro com os Colportores (local a anunciar)

10-17 de março



Deixa Jesus crescer na tua vida!

Semana de Oração JA 2012



Participa
Convida um amigo!

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

índice

BÍBLIA



06

Ler e Entender

A comunicação tem tudo a ver com a ligação – e as pessoas que vivem no século XXI ligam-se de diversas formas.

MINISTÉRIOS DA CRIANÇA



23

Celebrações Criativas: Envolver as crianças nos vossos serviços especiais

PÁGINA DA CRIANÇA PÁGINA JOVEM

32

32

Sem Preocupações

EDITORIAL

04 A Passos Largos...

05 Memo

ESPAÇO DO LEITOR

05 Ondas de Prosperidade e Ondas de Recessão...

ARTIGO DE FUNDO

10 Da Adoração ao Reavivamento

Descobri que Deus trabalha de diferentes formas para me conduzir a uma experiência de adoração e louvor.

EDUCAÇÃO

13 Saber Consolidar: A Integração da Fé – Parte I

Um dos grandes resultados da educação cristã nota-se quando os alunos pensam e agem de forma cristã e são consistentemente cristãos em todos os domínios da sua vida.

18 Notícias Nacionais

· UPASD
· Braga
· Porto
· São Mateus

TEOLOGIA

20 Poder do Pentecostes

Os sentimentos religiosos intensos não são garantia de que o Espírito Santo está presente. Qual é o trabalho do Espírito Santo?

ESTILO DE VIDA

26 Amor Inteligente

Quantas vezes já ouvimos alguém comentar o fracasso sentimental de um casal que, na sua opinião, não se deveria ter formado, repetindo a conhecida frase de que "o amor é cego"? Não estou de acordo com esta ideia.

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

30 Alguém Quer Vir à Igreja?

A Igreja é a comunidade de crentes que confessam que Jesus Cristo é Senhor e Salvador.

ESPÍRITO DE PROFECIA

34 Confia em Deus

O nosso dever não é simplesmente pregar, mas ministrar, aproximarmo-nos do coração. Deveríamos utilizar com habilidade e sabedoria os talentos que nos foram confiados, para podermos apresentar a preciosa luz da verdade da forma mais agradável e mais adequada para conquistarmos almas.

assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19 Impressão e Acabamento Rolo & Filhos II, S. A. – Mafra Tiragem 1500 exemplares
Depósito Legal Nº 1834/83 Preço Número Avulso €1,80 Assinatura Anual €18,00
Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a ISSN 1646-1886

FOTO DA CAPA © Shutterstock

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



A passos largos...

Estamos tão próximos da XVIII Assembleia-Geral da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, que o melhor é contarmos em dias o tempo que falta. Diante de tal evento são sempre variados os sentimentos que afloram de todos os setores da Igreja. Mas, no meio do turbilhão de emoções, é importante que possamos refletir sobre a natureza da Igreja, a sua missão e a sua importância na sociedade em que estamos inseridos.

Qualquer tentativa de definir uma Assembleia-Geral apenas como um ato administrativo, com a sua carga de avaliação e de definição de quem vai dirigir a Igreja durante os próximos tempos, é redutor e demasiado simplista, perdendo de vista a própria natureza eclesial da mesma.

Durante uma reunião magna pode ser vista a natureza “universal”¹ da Igreja e a sua multifacetada expressão como o corpo de Cristo. Torna visível a representação daquilo que a Igreja é hoje, em Portugal, com a integração da diversidade concetual, cultural e étnica de crentes, que se juntam para projetarem o que é melhor para a Igreja nacional como o corpo de Cristo.

A diversidade deve ser entendida ainda como uma oportunidade única para afirmar o compromisso da Igreja na totalidade das Escrituras como o fundamento de fé, mas também como a orientação de toda a sua operacionalidade e procedimentos. Em qualquer debate ou argumentação, a Bíblia deve ser a norma que determina os princípios e define a missão da Igreja. Para que isso possa acontecer, é imprescindível que cada delegado seja conhecedor das Es-

crituras, esteja aberto a ser influenciado pelo Espírito Santo e, desde já, comprometido em intercessão pela presença manifesta do Senhor da Igreja. Só assim o Espírito poderá trabalhar para a obtenção de consensos à medida que as dificuldades apareçam ou que a complexidade dos assuntos o exija.

Quando os delegados das igrejas se juntam em Assembleia, constituem a mais alta autoridade da Igreja, concedida por Cristo enquanto comunidade de crentes. Nesta ocasião, essa autoridade transcende qualquer individualismo ou regionalismo e reafirma a Igreja como a comunidade global de fé. Consequentemente, é necessário que cada delegado faça uso dessa autoridade de forma circunspecta, desejando sempre o bem-estar geral da Igreja em espírito e amor, e buscando a unidade afirmada por Jesus como meio de evangelização.

Os delegados chegam de todos os quadrantes onde existem comunidades Adventistas, portadores de uma mensagem comum, de uma missão comum e de uma esperança comum. Isto não é criado no decorrer dos trabalhos de uma Assembleia, mas é transportado das comunidades de fé em que estão inseridos. Tal é, claramente, um milagre da graça de Cristo.

“Durante a Assembleia, esta unicidade é expressa pela forma como todos são nutridos pela proclamação da Palavra, pelos momentos de oração, pelos cânticos e louvores ao Senhor em conjunto e pelo constante convívio entre uns e outros. No final, quando os delegados se separam, esta unidade tem de se prolongar pela experiência vivida e pelo propósito da Igreja.”²

Todos, e em todas as circunstâncias, devemos em humildade responder à oração do Senhor Jesus: “Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um, em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste.”³

· **Rúben de Abreu,**
secretário da UPASD

1. A natureza universal da Igreja tal como compreendida pelos Adventistas, como sendo a assembleia do remanescente dos últimos tempos saída de “toda a nação, e tribo e língua e povo” (Apocalipse 14:6).

2. Ángel Manuel Rodríguez, BRT's Reflections newsletter, 06 de abril de 2010.

3. S. João 17: 21 – trad. João Ferreira de Almeida, ed. Revista e Corrigida, Sociedade Bíblica de Portugal.



Dias Especiais e Ofertas

F E V E R E I R O

Data a anunciar	
	1º Simpósio de Liberdade Religiosa
04	Jornadas JA
11-18	Semana da Família
17-21	Geração Adventista em Missão
18	Rádio Mundial Adventista – Oferta (com envelope)
19 e 20	Ação de Formação/Reciclagem de Colportores
26	Convenção de Anciãos – RE Norte e RE Centro

M A R Ç O

03	Dia Internacional da Oração da Mulher
10 a 17	Semana de Oração de Jovens
17	Dia da Juventude Adventista/Serviço de Voluntariado – Oferta
18	Escola de Pais do CAOD
25	Convenção de Anciãos – RE Lisboa e Vale do Tejo e RE Alentejo e Algarve
30	(Início) III Encontro do Pessoal Não Docente da Rede Escolar ASD, no CAOD
31	13º Sábado – Divisão Norte da Ásia-Pacífico – Oferta Mundial

F E V E R E I R O

30/01-03/02 – Instituto de Teologia de Cernica (RU – União Romênia)
 6-10 – Associação da Baviera (SGU – União Sul-Alemã)
 13-17 – Sanatório La Lignière (EUD – Divisão Euro-Africana)
 20-24 – União Búlgara
 27/02-02/03 – Seminário de Teologia de Sazava (CSU – União da República Checa e Eslováquia)

M A R Ç O

27/02-02/03 – Seminário de Teologia de Sazava (CSU – União da República Checa e Eslováquia)
 5-9 – União Austríaca
 12-16 – Associação da Boémia (CSU)
 19-23 – Hospital Waldfriede (EUD)
 26-30 – Associação da Baixa Saxónia (NGU – União Norte-Alemã)



ANTENA 1



RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h

..... ANTENA 1, a partir das 22h47

- 06/02 (2ª feira) – 2ª parte do programa
- 29/02 (4ª feira) – 2ª parte do programa
- 12/03 (2ª feira) – 1ª parte do programa

Ondas de Prosperidade e Ondas de Recessão...

Disse um dia o rei Salomão: “No tempo da prosperidade goza do bem, mas no dia da adversidade considera.” Temos aqui um bom conselho, isto é: Goza da prosperidade.

Como sabemos, gozar significa desfrutar, aproveitar, usufruir, saborear. Pois bem, é isso que temos de fazer quando navegamos pelas ondas da prosperidade. Mas, navegar assim também tem a sua ciência. Não se pode navegar de olhos fechados ou sem bússola ou sem leme, convencidos de que tudo irá bem e de que teremos uma boa navegação. Mas foi isto que milhares e milhares de nós estivemos a fazer.

E agora chegamos à segunda parte das palavras de Salomão: “No dia da adversidade considera.” E considerando, chegamos à conclusão de que devíamos ter sido mais realistas. Por exemplo: Podíamos ter adquirido um carro mais pequeno ou uma casa menos dispendiosa; podíamos ter evitado aquelas férias no estrangeiro... É verdade que hesitámos, mas acabámos por ir em frente. A despesa foi inevitável e acima do que prevíamos. E o mesmo se pode dizer de outros setores, como roupas, divertimentos, etc..

Mas agora chegaram as ondas da recessão. O mar da nossa vida já não é o mesmo. E temos de continuar a remar. Não podemos parar. Temos que seguir em frente. O que fazer? Revoltar-nos? Lamentar? Enganar os outros? É por isso que Salomão dizia: “No dia da adversidade considera.”

Pensa. Reflete. Pesa bem o que vais fazer. O que vais dizer e escolher. Chega a conclusões não apressadas. Conversa com os outros. Lê. Informa-te. Escuta os bons conselhos. E, finalmente, toma a decisão. Põe nela toda a esperança e, sobretudo, o teu inabalável empenho.

Voltemo-nos agora para as palavras de Paulo: “Sei viver com abundância, mas também sei padecer necessidades.”

Muitos não soubermos viver na abundância. Mas podemos agora fazer uma boa navegação em face das necessidades. Têm mais aqueles que precisam de menos. Vamos então ser capazes de limitar, de forma inteligente, as nossas necessidades. Isso exige sabedoria, reflexão, prudência. Vamos inverter alguns dos nossos hábitos e regras que estavam errados, e que nos causaram preocupações e angústias. Vamos assumir as ondas que agora se apresentam no mar da nossa existência. É preciso fazê-lo de uma forma inteligente e na certeza de que não encontraremos soluções miraculosas ou perfeitas.

Continuemos, pois, o nosso rumo. Não estamos sós. Milhões, agora, vivem a mesma experiência. Pouco a pouco, o mar há de ficar menos agitado e as ondas da prosperidade voltarão certamente. ✨

José M. de Matos
 Pastor aposentado

Envie os seus textos para:

Revista Adventista (A/C Lara Varandas)

Publicadora SerVir, S.A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt

A comunicação tem tudo a ver com a ligação – e as pessoas que vivem no século XXI ligam-se de diversas formas.

Quando ler este artigo (seja em forma impressa ou *online* no seu *smartphone*, *iPad* ou computador), provavelmente já enviou uma série de mensagens eletrônicas (*emails*) aos amigos e aos colegas de trabalho. Também pode ter enviado uma mensagem por telemóvel para o seu cônjuge (“Até logo!”) ou escrito no *Twitter* alguma coisa que lhe aconteceu. Imagine só, alguém que viveu na Idade Média ou nos tempos bíblicos dar de caras com uma mensagem de telemóvel ou um *email* que você enviou. Essa pessoa ficaria atônita e possivelmente não faria a mais remota ideia do que você estava a tentar dizer.

Os Tipos e Géneros de Texto

O facto é que, para compreender um texto, precisamos, em primeiro lugar, de compreender qual é o tipo

ou o género do texto. O reconhecimento do género funciona frequentemente ao nível do subconsciente. Quando folheia os anúncios do seu jornal ou passa os olhos pela secção do Obituário, automaticamente enquadra a informação no seu contexto correto. Não necessitamos de nos lembrar conscientemente de que o anúncio do *Volkswagen Passat*, modelo 2008, só com 28 000km, seguido por um símbolo do euro e um número, oferece um carro específico e menciona o preço pedido e os quilómetros da máquina.

Nós lidamos com dezenas de géneros de escrita diferentes (e os géneros visuais são adicionados cada dia – quem teria pensado, há apenas algumas décadas, que as pessoas viveriam voluntariamente numa casa de vidro e deixariam que milhões as observassem?). Na maioria dos casos, sabemos como “ler” um tipo específico de texto – chamem-lhe intuição, ou familiaridade, ou experiência. Contudo, quando falamos

das Escrituras, encontramos tipos de texto (ou géneros) que são pouco familiares e que requerem que cavemos mais fundo para os apreciarmos. Nos próximos meses, tentaremos apresentar uma série de artigos de estudiosos Adventistas da Bíblia que ajudarão a colmatar o fosso cultural, linguístico e histórico que nos separa dos textos bíblicos e que se centram particularmente nos tipos de texto. Este primeiro artigo introduzirá o *Pentateuco* e os seus variados géneros – começando assim a leitura pelo início.

Fazer um Balanço

No Velho Testamento, o *Pentateuco* (em Grego, significa “Cinco Livros”) é conhecido como *Torah*, “a lei, a instrução”, e contém cinco unidades literárias que estão cuidadosamente interligadas e que deveriam ser lidas como um todo. Estão construídos como uma história, uma narrativa que fala das origens, mas também incluem muitos outros

Ler e Entender

Como Ler as Histórias, os Rituais, as Leis e os Poemas no *Pentateuco*

tipos de texto. As Genealogias (Gén. 5; 10; etc.), assim como os textos legais (Êxo. 20-23; etc.), estão incluídos. Os textos rituais (p. ex.: Lev. 1-7 [tipos de sacrifícios]; 8 [rituais de ordenação]; Núm. 5:5-31 [a prova da mulher suspeita de adultério]; etc.) abrangem a maior parte do texto de Levítico, o centro do *Pentateuco*. Em pontos cruciais, até podemos encontrar poesia que liga unidades principais.¹ Neste artigo vamos centrar-nos nos textos rituais e legais, pois são extremamente proeminentes no *Pentateuco* e não surgem com tanto destaque noutras secções do Cânone Bíblico. Teremos genealogias, narrativa histórica e poesia em artigos posteriores desta série, pois figuram notavelmente nos livros históricos e poéticos do Velho Testamento (incluindo Josué, Juízes, I/II Samuel, I/II Reis, I/II Crónicas, Salmos, etc.). Basta dizer que podemos detetar um movimento, a partir do universal para o mais específico, no enquadramento narrativo. Depois da história da origem da Humanidade (incluindo a Criação, a Queda, o Dilúvio universal e a principal divisão dos povos) em Génesis 1-11, os capítulos seguintes (Gén. 12-50) contam a história dos patriarcas, centrando-se numa família e nos seus descendentes. Finalmente, de Êxodo 1 até ao fim de Deuterónimo centram-se num povo específico que é retirado do Egito e que está a caminho da Terra Prometida.²

Textos Rituais

Faça uma sondagem aleatória na sua igreja e pergunte quantas pessoas estão a ler Levítico como leitura devocional. O meu palpite seria – aproximadamente zero.

As pessoas que vivem no século XXI, num contexto Ocidental, de certa forma, não gostam de textos rituais. São estranhos, são repetitivos, são frequentemente sangrentos, são detalhados (envolvem detalhes que não sabia que existiam) e parecem ter um leve sabor a obras (em oposição à graça).³ No entanto, são ex-

tremamente importantes, porque se ligam diretamente ao tema do Santuário e representam como funciona a salvação (e o Santuário) usando explicações parecidas com uma construção *Lego*. Também são inspirados e fazem parte da revelação de Deus ao mundo (II Tim. 3:16). Na realidade, o Santuário não é somente o centro do *Pentateuco*, mas também liga o Velho Testamento ao Novo Testamento e liga a Humanidade a Deus – lembrem-se de Êxodo 25:8, quando Deus quis literalmente “habitar numa tenda”, no meio do Seu povo.⁴

Desde o princípio, é melhor definirmos “ritual”. Os estudiosos têm desenvolvido literalmente dezenas de definições. Agrade-me, em particular, a seguinte: “Um ritual é um conjunto de ações e de comporta-

de Deus,” que tiraria os pecados do mundo (João 1:29). Isso destacava o facto de que a *expição* requeria o derramamento de sangue inocente. Integrado no sistema religioso alargado do Velho Testamento, também contava a história do Dia especial da Expição (Lev. 16), que era requerido para purificar o Santuário terrestre das suas máculas.

Então Como é Que Devemos Ler?

Como leitores que vivem numa cultura e num tempo tão distante dos tempos bíblicos, como é que devemos então ler? Aqui ficam algumas dicas e referências, se quiserem aprofundar os vossos conhecimentos.⁶ Em *primeiro* lugar, determinem se o texto é *prescritivo* ou *descritivo*.

Neste artigo vamos centrar-nos nos **textos rituais e legais**, pois são extremamente proeminentes no *Pentateuco* e não surgem com tanto destaque noutras secções do **Cânone Bíblico**.

mentos frequentemente condensados, repetíveis e estilizados, que é entendido por um grupo ou comunidade particular como uma expressão de algo que vai além da mera compreensão dos atos individuais.”⁵ Para explicar isto numa linguagem mais acessível: o ritual é um excelente comunicador dos valores-chave e de informação e necessita de ser compreendido num contexto específico – no nosso caso, no contexto bíblico. Pensem num ritual do Novo Testamento, a Santa Ceia, que envolve o ritual do lava-pés. Na maioria dos casos, não lavamos os pés uns aos outros porque estejam sujos. Fazemo-lo porque desejamos servir alguém humildemente, seguindo o exemplo de Jesus. De modo semelhante, o pecado não ficou realmente resolvido pela oferta de um sacrifício. Era, antes, uma ilustração da vinda do “Cordeiro

Os textos *prescritivos* dizem ao leitor o que fazer, enquanto os textos *descritivos* relatam o que aconteceu realmente (Levítico 8 *descreve* o ritual de ordenação dos sacerdotes, enquanto Êxodo 29 contém a sua *prescrição*). *Segundo*, tomem atenção aos elementos importantes do ritual. Aqui estão alguns mais importantes – mas não são todos, de forma nenhuma.

O *Momento* é essencial no ritual. Imaginem um Israelita a tentar colocar as mãos na cabeça do animal depois de ele ter morrido. Têm razão – não faria sentido.

O *Espaço* é também fundamental para o ritual. O sacrifício só é permitido no altar do tabernáculo/Templo, pois relaciona-se diretamente com o chamado de Deus à adoração exclusiva e como é que o pecado é realmente removido. Israel teve pro-

blemas, em particular, com este elemento, como sugerem os testemunhos dos profetas. Os lugares altos não tinham somente uma bela vista, mas estavam ligados à adoração falsa, incluindo também o sacrifício.

A *Ação* é outro elemento-chave do ritual – sem ele o ritual não existiria. A ação pode ser cumulativa e, por vezes, envolve longas sequências, enquanto, noutras vezes, poucas ações são mencionadas no texto bíblico.⁷ Façam uma lista das ações à medida que as leem e descubram se conseguem encontrar listas semelhantes noutra fonte (os programas de pesquisa informáticos facilitam esta tarefa).

Que *objetos* são utilizados num ritual é outra dimensão importante. O sangue, a água, as bacias, os altares e as facas são todos familiares aos leitores dos rituais do Velho Testamento. Tentem descobrir a sua importância e o seu significado.

Os *participantes* desempenham um papel crucial. Alguns deles são mais passivos (como, por exemplo, a congregação durante o ritual de ordenação de Levítico 8), mas, não obstante, muito importantes, pois a sua presença valida, frequentemente, o ritual. Outros participantes são muito ativos. *Quem é que está a fazer o quê, onde e porquê?*, são excelentes perguntas a ter em mente.

Finalmente, e um dos elementos do ritual bíblico mais difícil de descobrir, é a questão: Estarão a *linguagem* ou o *som* envolvidos neste ritual específico? Se for o caso, que tipo de som ou de linguagem falada estão envolvidos?

Repararam que, ao dar atenção a estes elementos-chave, já passaram muito mais tempo com o texto do ritual do que anteriormente. Come-

çam a prestar mais atenção; fazem ligações com outros textos bíblicos; começam a ver o quadro alargado e a compreender o imenso desejo de Deus de comunicar eficazmente. Curiosamente, a maioria das culturas não-Occidentais consegue ligar-se facilmente ao ritual, porque os rituais formam uma parte muito maior da sua vida diária.

Textos Legais

Outro género importante do *Pentateuco* envolve os textos legais. Num certo sentido, existe uma estreita ligação entre os textos legais e os rituais – particularmente do tipo descritivo. Ambos descrevem um ideal divinamente ordenado. Ao comparar a lei bíblica com o material extrabíblico, os estudiosos repararam em diferenças significativas (assim como nalgumas semelhanças). Existem dois tipos de lei bíblica: a *jurisprudência* e a *lei apodítica*. A lei apodítica é absoluta e os Dez Mandamentos inserem-se nesta categoria. Não existe a sequência “se... então”, como na jurisprudência. É simplesmente imperativa: “Lembra-te do dia de Sábado”, “Honra o teu pai e a tua mãe”, “Não matarás”.

Alguns textos legais do *Pentateuco* foram criados para legislar realidades sociais e culturais específicas. Êxodo 21:1-11 lida com a condição de servidão e escravidão – uma realidade que (felizmente) não é prevaiente nos nossos dias. As outras leis, embora não se enquadrem na mesma categoria dos Dez Mandamentos são, não obstante, uma boa orientação para os filhos de Deus que vivem no século XXI. Alguma vez leram as leis que dizem respeito à justiça e à misericórdia em Êxodo



23:1-9? “Não admitirás falso rumor” (v. 1), “não seguirás a multidão para fazeres o mal” (v. 2), “não perverterás o direito do teu pobre” (v. 6), “também presente não tomarás” (v. 8) são bons conselhos em harmonia com as Dez Palavras mais importantes que Deus pronunciou no Sinai.

Leia, Leia, Leia!

Ao passarmos mais tempo a analisar tipos de texto pouco familiares e ao passarmos mais tempo com a Palavra de Deus, alguma coisa acontecerá. As peças vão encaixar-se. Quando sabemos o que procurar e como ler eficazmente, o Espírito de Deus poderá falar ao nosso coração e à nossa mente. De repente, o que antes parecia aborrecido e seco torna-se cativante e desafiante e já não lemos só com compreensão mas com entusiasmo. Este é o tipo de alegria que surge ao passarmos tempo com o Criador e Redentor – Jeremias já sabia disto (Jer. 15:16), e nós? 🍀

• **Gerald A. Klingbeil,**
editor da *Adventist Review*

1. Os maiores poemas do *Pentateuco* incluem Gén. 49 (A Bênção de Jacob), Êxo. 15 (O Cântico de Moisés), Núm. 23-24 (Oráculos de Balaão) e Deut. 32-33 (O Cântico e Bênção de Moisés). Ver Martin G. Klingbeil, “Poemas em medio de la prosa: poesia integrada en el Pentateuco” in *Inicios, fundamentos y paradigmas: estudios teológicos y exegéticos en el Pentateuco*, editado por Gerald A. Klingbeil, SMEBT 1, Editorial Universidad Adventista del Plata, Libertador San Martín, 2004, pp. 61-85, incluindo numerosas referências a outros estudos.

2. Compare Gerald A. Klingbeil, “Historical Criticism” in T. Desmond Alexander e David W.

Baker, eds., *Dictionary of the Old Testament: Pentateuch*, InterVarsity, Downers Grove, Ill., 2003, p. 404.

3. Ver Gerald A. Klingbeil, “Between Law and Grace: Ritual and Ritual Studies in Recent Evangelical Thought” in *Journal of the Adventist Theological Society* 13, Nº 2, 2002, pp. 46-63.

4. O estudioso Adventista Roberto Ouro reparou nisto repetidamente no seu útil livro *Old Testament Theology: The Canonical Key*, *Pentateuch/Torah*, vol. 1, Lusar Reprográficas, Saragoça, Espanha, 2008, pp. 24-37.

5. Baseado em Jan Platvoet, “Ritual in Plural and Pluralist Societies” in Jan Platvoet e Karel van der

Toorn, eds., *Pluralism and Identity: Studies in Ritual Behaviour*, Studies in the History of Religions 67, Brill, Leiden, 1995, p. 41.

6. Os que estiverem interessados numa discussão mais detalhada e noutras estratégias e exemplos de leitura podem consultar Gerald A. Klingbeil, *Bridging the Gap: Ritual and Ritual Texts in the Bible*, Bulletin for Biblical Research Supplements 1, Eisenbrauns, Winona Lake, Ind., 2007.

7. Compare a ação sintetizada do ritual de construção do altar em Gén. 12:8 (“edificou ali um altar... e invocou o nome do Senhor”), com as cerca de 100 formas verbais que denotam ação no ritual de ordenação dos sacerdotes em Levítico 8.

Revistas...

para a
criança



para o
jovem



para a
família



Pack 4 Revistas

Revista Adventista, Saúde&Lar,
Zona Y, Nosso Amiguinho

**Revistas à sua
medida!**

Informe-se sobre o
melhor preço para
o seu Pack.

Informe-se já!

21 962 62 00

Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
Fax: 21 962 62 01



Da Adoração ao Reavivamento

O que **aprendi** do tempo bem passado **com Deus**.

Ao deixar a minha garagem, o meu carro está inundado com a bela harmonia da melodia dos *The Isaacs* e o seu cântico vai-me atraindo à medida que a letra e a música fluem...

Quando faço uma pausa na quietude da Sua santa presença,

Quando estou tão tranquilo que posso ouvir cada palavra sussurrada,

Quando faço uma pausa para orar, entro na Sua catedral,

Estes são os momentos em que Deus parece estar muito próximo.¹

E, em questão de momentos, estou a viver uma profunda experiência de adoração, com o meu Deus, enquanto conduzo até ao meu escritório. Há uma onda de alegria, admiração, adoração e louvor ao aperceber-me de que Ele me criou para O adorar em qualquer momento, em qualquer lugar, focando a minha mente n'Ele. Em momentos assim, os pensamentos, as palavras e a música unem-se para me elevar do meu mundo, manchado de pecado, diretamente até à

Sua presença, onde me regozijo pelo tempo que passamos juntos.

Que coisa impressionante é perceber que Ele anseia ter um relacionamento mais próximo comigo – um dos Seus filhos desobedientes e separados pelo pecado. E a comunhão – o companheirismo com o meu Deus – é encantadora.

Que coisa impressionante é perceber que Ele anseia ter um relacionamento mais próximo comigo – um dos Seus filhos desobedientes e separados pelo pecado.

As Maravilhosas Variedades da Graça

Descobri que Deus trabalha de diferentes formas para me conduzir a uma experiência de adoração e louvor.

Uma das experiências de adora-

ção mais poderosas da minha vida aconteceu quando era um jovem marido e pai. Numa certa tarde, a minha mulher, Karen, foi chamada para trabalhar num turno de enfermagem, das 15 às 23 horas. Eu estava em casa, com o nosso filho de um ano, Danny, que dormia a sesta. Um amigo tinha assistido a uma convenção num fim de semana no *campus* do *Union College* há pouco tempo, e trouxe-me uma videocassete de um sermão do pregador, chamado C. D. Brooks. O Greg emprestou-me o vídeo e opinou que eu iria gostar dele. Um tranquilo sábado à tarde pareceu-me ser o momento certo e comecei a assistir à pregação.

Eu nunca tinha ouvido falar deste pregador, mas durante a hora seguinte, no silêncio da minha sala de estar, entrei na presença de um poderoso Deus. Enquanto o pastor Brooks falava poderosamente inspirado por Deus, eu tive o sentimento tremendo de que, se tivesse sido o único ser humano no Planeta que tivesse aceitado Jesus, Ele ainda assim teria vindo

e morrido só por mim. Formou-se um nó na minha garganta e as lágrimas começaram a rolar pela minha face. Ajoelhei-me ao lado do sofá e expressei a minha gratidão a Deus. A minha vida e o meu futuro mudaram naquele momento. Ainda hoje guardo uma cópia daquele vídeo, *A Faith to Celebrate* (Uma Fé para Celebrar), na gaveta da minha secretária.

Também sou abençoado quando me lembro das muitas vezes que me sentei à volta da minha mesa com pequenos grupos de amigos para estudarmos juntos a Palavra de Deus. Tenho observado o poder transformador do Espírito Santo tomar o controlo da discussão e, à medida que Ele fala através do texto das Escrituras que está a ser lido, vejo que o impacto nos meus convidados tem sido profundo.

Não há muito tempo, durante uma dessas sessões de estudo, “trocámos” num texto das Escrituras que não fazia parte do nosso planeado estudo bíblico. Um homem à mesa percebeu que Deus estava a falar pessoalmente com ele nesse momento. A convicção tomou conta da sua mente, e com uma expressão de fé e crença, decidiu dedicar plenamente a sua vida a Deus, agora e na eternidade. Consegui adormecer com dificuldade naquela noite, percebendo que tinha testemunhado novamente a mão de Deus a tocar o coração de um homem – para a eternidade!

Ler em Vermelho, Ouvir o Que é Dito

A adoração também surge quando estou a sós com a Palavra de Deus. Gosto muito de ler as duas Bíblias especiais que dois dos meus queridos amigos, Mark Finley e Shawn Boonstra, me ofereceram: eu assinalei-as de modo único. Levei um ano para assinalar as duas Bíblias. Eu lia com uma caneta vermelha e uma régua, marcando cada versículo onde sentia que Deus falava diretamente para mim. Estas tornaram-se nalgumas das minhas experiências de adoração

favoritas. Não posso enumerar as vezes que me sentei numa cadeira, ou me recostei na cama, quer fosse cedo de manhã ou à noite, para ouvir Deus falar novamente comigo à medida que viro as páginas e releio o que está sublinhado a vermelho. Muitas vezes parece novo, como se nunca o tivesse lido antes. No entanto, as páginas estão assinaladas a vermelho – já foram lidas. A graça de Deus através da Sua Palavra é realmente nova cada manhã, e a sua fidelidade leva-me a ser humilde.

Algumas das minhas experiências de adoração e louvor mais marcantes acontecem quando me reúno com o povo de Deus para ouvir a Sua voz através de um dos Seus servos. Uma boa pregação inspira o meu coração a render-se mais plenamente ao meu Salvador. O meu pastor, em Fallbrook, na Califórnia, enche “as minhas medidas”. Na nossa convenção da ASI, as mensagens do sermão e do testemunho revelam a mão de Deus, e fico comovido. Num acampamento com a minha família da igreja, cantando à volta de uma fogueira, o meu coração responde às histórias contadas e lidas da fidelidade de Deus. E existem sempre os *podcasts* para o caso de ter perdido alguma coisa – não gosto nada de perder uma coisa boa!

Somos Seus Como o Hino Que Cantamos

Sei que muitos crentes estão cansados dos debates sobre a música adequada para a adoração. Eu não sou um deles, pois a minha experiência com a música de adoração tem sido transformadora.

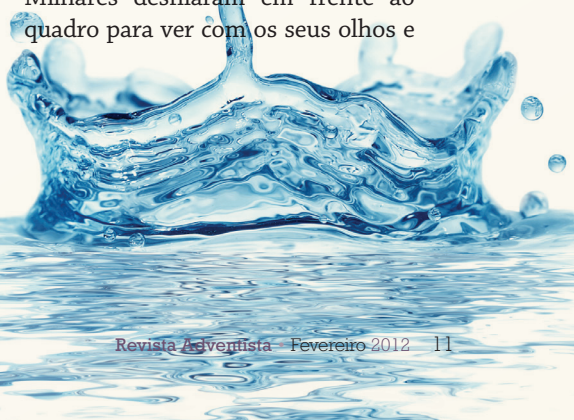
Quando a Karen e eu éramos recém-casados, cantávamos e tocávamos instrumentos na nossa adoração pública e privada. Envolvemos os nossos filhos à medida que cresciam e a adoração musical tornou-se numa forma de vida. Por regra, quase todas as músicas que ouvíamos ou tocávamos eram de natureza espiritual. Ao longo dos anos, enchemos

a nossa mente com muitos cânticos sobre a bondade e a graça de Deus. Existe algo de majestoso em conduzir nas Montanhas Shenandoah ou nas Montanhas Rochosas tocando músicas de louvor no rádio do carro tão alto quanto a Karen permitir!

Senti-me profundamente comovido ao ouvir a mensagem de Jesus através de “O Messias”, de Händel – e do solo de uma menina de 10 anos a cantar o seu louvor para a glória de Deus. A minha experiência de adoração através da música também foi consideravelmente expandida pela tecnologia digital. Graças ao *iTunes*, transferei toda a minha coleção de músicas para o meu computador, e incluí uma vasta lista de sermões retirados da *Internet*. Posso ouvir neste momento a Bíblia a ser lida por múltiplas vozes, e fiz listas que combinam a música, a leitura da Bíblia e os sermões. Se viajo num avião, coloco os auscultadores, e embora todas as outras pessoas à minha volta possam estar a ver filmes, a jogar, a fazer palavras cruzadas ou a ler romances, eu estou a viver uma gloriosa experiência de adoração! Na minha casa, no meu carro, ou em qualquer lugar que eu possa levar o meu *iPod*, sinto que estes momentos são preciosos!

Uma Visão de Esperança

Também tenho de destacar o poder da arte na adoração e no louvor. Na última sessão da Conferência Geral, a minha família teve a honra de hospedar uma exposição da galeria de arte que mostrava a arte de Nathan Green. O destaque era sobre a divulgação do seu novo quadro sobre a Segunda Vinda, intitulado *The Blessed Hope* (A Bendita Esperança). Milhares desfilaram em frente ao quadro para ver com os seus olhos e



com o seu coração. Mas a experiência de adoração mais profunda surgiu de uma direção inesperada: o pessoal da segurança da sessão da Conferência Geral competia para escolher o trabalho que ficasse perto da obra de arte! Vários membros do pessoal me disseram que a sala lhes parecia santa – um local do Santuário.

Um dos membros da segurança disse-me, com as lágrimas a correr pelo rosto, que ela se sentia como se estivesse na presença do próprio Jesus. À medida que embalávamos o material da galeria para voltarmos para casa, ela passou ali novamente e, apontando para o novo quadro da Segunda Vinda, disse: “Tomei uma decisão. Já não é uma questão de se...; eu vou estar lá para esse evento!” Disse-lhe que desejava encontrar-me com ela lá.

As bênçãos de encontrar o meu Deus na adoração continuam a fluir! A adoração e o louvor tornaram-se numa atitude – numa parte da minha oração sem cessar, trazendo poder e graça transformadores à minha vida.

Lidando Com As Distrações

Não seria muito honesto se não mencionasse também as coisas que me inibem e me distraem da minha experiência de adoração e louvor.

Por vezes, parecem existir tantas coisas que bloqueiam a comunhão com Deus: a tirania do urgente; outra tarefa a realizar; outro projeto a terminar; a simples preocupação com o quotidiano da existência. Os muitos avanços da tecnologia concebidos para melhorar a nossa vida e nos ajudar a trabalharmos mais eficazmente, só têm disponibilizado, frequentemente, mais tempo, no qual nos sentimos tentados a assumir mais ocupações. Muitas vezes, tal como o Pródigo, caio em mim e percebo que não estou tão ligado ao meu Deus como desejo e necessito. Não parece nem saudável, nem bom. É como se existisse uma interferência na comunicação com o Céu, onde só se consegue ouvir e compreender uma em cada três palavras.

Pode acontecer quando falhamos o culto matinal com a pressa de chegarmos a tempo a um compromisso. Cansado por ter trabalhado até tarde na noite anterior, senti que precisava de cada minuto de sono extra, e não tinha tempo para ouvir ou orar. ... E não podemos negar que o mun-

O reavivamento e a reforma não começam em grupos, mas nos indivíduos.

do à nossa volta é um lugar sedutor. Até mesmo as coisas aparentemente “normais” da vida diária – trabalho, relacionamentos, fazer compras – podem aumentar a distância entre o meu coração e o meu Salvador. Às vezes, quando o Senhor olha para baixo, para as minhas muitas distrações, Ele deve murmurar para Si mesmo: *O seu coração não está verdadeiramente envolvido*. Este é um tipo de experiência de adoração que oro para nunca mais ter.

Onde Nos Conduz a Adoração

Porque é que partilhei consigo, nestas páginas, a minha jornada no louvor e na adoração? Eis a simples razão: o nosso novo presidente da Conferência Geral, Ted Wilson, emitiu um “toque de clarim” há alguns meses, para que a Igreja mundial orasse, de modo a que o Espírito Santo trouxesse um reavivamento e uma reforma entre nós. Esse chamado ressoou profundamente no meu coração. A Karen e eu oramos por este chamado a um novo R&R (Reavivamento & Reforma) há 22 anos. Agora ouvimo-lo em muitas bocas, ecoando ao redor do mundo. Fraco em alguns lugares, forte noutros, mas o início do som de uma chuva abundante!


O reavivamento e a reforma não começam em grupos, mas nos indivíduos. A Escritura revela, vez após vez, que um líder começa por fazer um compromisso pessoal, lança um apelo, convida os indivíduos a segui-lo. Então, à medida que mais pesso-

as se juntam ao grupo, transformam-se num movimento.

Temos uma oportunidade extraordinária à nossa frente. Podemos escolher abrir um momento na nossa vida individual, no qual o Espírito Santo pode trazer reavivamento e reforma a cada um de nós. A forma mais eficaz

que conheço para darmos esta abertura é melhorar, radicalmente, a nossa experiência de adoração e louvor. Escolha procurar, decididamente, o Senhor, de uma ou mais maneiras das que descrevi – ou de outras formas que Deus lhe revele. À medida que o seu relacionamento com Deus se fortalecer e se aprofundar, encontrará nova energia espiritual: o seu coração, tal como o de John Wesley, será “estranhamente aquecido” e será reconvertido continuamente. Ficará admirado ao ver Jesus mudar os seus relacionamentos, as suas circunstâncias e o seu testemunho. E conhecerá a grande e duradoura satisfação de fazer parte do Seu trabalho final para salvar este Planeta.

À medida que o Seu povo procura a Sua face, Jesus inclina-Se para nós, desejando que conheçamos a vida mais profunda e abundante que Ele sempre desejou que experimentássemos. “E buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração. E serei achado de vós, diz o Senhor...” (Jer. 29:13 e 14).

Se o reavivamento e a reforma devem acontecer neste Movimento – e devem mesmo – começará por um adorador de cada vez, uma hora de meditação de cada vez. Escolho uma experiência de adoração mais profunda para a minha vida. E não gostaria de estar só. 

• **Dan Houghton**, presidente de Hart Research e antigo presidente da ASI

1. The Isaacs, *When God Seems So Near*, 2009.



Saber Consolidar: A Integração {I^{Parte}} da Fé

A Igreja Adventista do Sétimo Dia formaliza um credo demonstrativo de uma particular teologia sobre a compreensão de Deus.² Se a Igreja desenvolveu um sistema de educação, “então é lógico que tudo sobre a natureza deste sistema, incluindo a maneira de ensinar, exemplificaria os princípios teológicos básicos da Igreja. Todos os métodos deviam integrar a

redenção, a confiança na Palavra de Deus, quer na forma escrita, quer na forma criada, e uma preparação para o futuro com fé nos projetos dessa Palavra”.³

Neste sentido, é com bastante satisfação que temos notado que uma das áreas de reflexão sobre Educação Adventista de que mais se tem ouvido falar nos últimos anos na comunidade educacional adventista portuguesa tem sido a integração da fé no ensino e na aprendizagem em contexto escolar. Disto atestam diversas ações de informação e formação que têm sido realizadas, sobretudo as Jornadas Internacionais

de Educação Adventista, que se realizaram em 2009, em Portugal, no Colégio Adventista de Oliveira do Douro, e, em 2010, em Espanha, no Colégio Adventista de Sagunto.⁴ São dois acontecimentos que merecem ser salientados, dado que proporcionaram, aos professores da rede escolar adventista que se fizeram representar, conhecimentos, experiências e sensibilidades muito importantes.

Na sequência destas formações, os professores do Colégio Adventista de Oliveira do Douro têm incrementado, ainda mais, a sua atenção a este domínio de investigação, reflexão e prática distintivo da Educação Adventista, preparando e ministrando as suas aulas integradas na fé cristã. Sabendo que todo o Adventista do Sétimo Dia é, por excelência, educador, mesmo em outros espaços, tempos e contextos além das organizações educativas escolares, necessita de se confrontar com reflexões críticas nesta marca distintiva do ensino e da aprendizagem, para assim crescer na sua compreensão e prática familiar, escolar, eclesial ou social. Por isso, construímos as linhas seguintes de texto. É uma reflexão crítica em torno dos princípios e do papel do professor cristão em contexto escolar, bem como o conhecimento que os justifica – ainda que este último se faça em jeito de traços ensaístas, isto é, numa humilde estocada na resposta, num tiro experimental na verdade. Mas desejamos que os demais leitores leiam "educador" onde lerem "professor" e se considerem como tal, tentando retirar ilações para a sua vida.

Sou professor no Colégio Adventista de Oliveira do Douro há 15 anos. Desde então, constatei a necessidade de investigar a integração da fé em contexto escolar. No decurso da leitura e reflexão crítica de alguma literatura de referência, denotei que esta preocupação não é somente dos cristãos Adventistas do Sétimo Dia. Há várias outras denominações religiosas cristãs que se preocupam com este assunto. Sendo

a Bíblia o Livro, a sua narrativa uma plataforma/ponto de partida comum aos Cristãos, escrevo que um ensaio sobre integração da fé no processo ensino/aprendizagem escolar poderia muito partir da narrativa bíblica, especialmente onde Jesus Cristo certa vez disse aos discípulos para deixarem os pequeninos irem a Ele, para não os impedirem, porque deles era o reino de Deus.⁵ Aqui, temos os discípulos de Cristo tão preocupados com o Seu Mestre, com a Sua obra (segundo a perspetiva deles), que acharam que conduzir as crianças aos pés do Salvador seria coisa menor, desnecessária e mesmo perturbante.⁶ Contrariamente, Jesus Cristo deixou bem claro que a Sua obra nesta Terra é uma obra de educação do Ser Humano, incluindo das crianças.⁷ Se as mães, com as suas crianças, não tivessem podido ir a Jesus Cristo naquele dia, não teriam vivido aquelas cenas de cuidado, carinho e ensino para lhes recordar e repetir. Deste modo, o Espírito Santo não poderia lembrar às crianças tais palavras, afetos e sensibilidades ao longo da sua vida, diminuindo assim as possibilidades de serem guardadas de se desviarem do caminho preparado para os remidos do Senhor.⁸

Nos nossos dias, em que muitos conceitos já perderam o seu sentido e significado, a obra de Jesus Cristo nesta Terra não pode, não deve, deixar de se posicionar e/ou reorientar radicalmente dentro da filosofia cristã.⁹ Dizemos radicalmente, porque a mensagem cristã e o seu mensageiro "não andam conforme a música do momento" – o diabo tem uma agenda muito bem definida contra a Palavra de Deus. Pelo contrário, quer a mensagem quer o mensageiro cristãos desenvolvem-se à luz da Palavra de Deus.

Para o mensageiro cristão, o foco integrador da mensagem constrói-se à luz da narrativa das Sagradas Escrituras – a revelação divina em que Deus e a Sua Palavra são o centro da História, o grande conflito entre

o Bem e o Mal, o plano da Redenção e, consequentemente, a cosmovisão bíblica. Sem isto não há mensagem Adventista do Sétimo Dia.

A cosmovisão bíblica, ao prover fundamento, contexto, grelha crítica para o conhecimento, assume significância tal que deve permear todo o currículo, seja na Escola, no Lar ou na Igreja. Daí que se diga que





O professor
cristão deve
procurar
melhorar
continuamente
a sua ação,
estudar
respostas para
a singularidade
das situações
que lhe surgem
no dia-a-
-dia escolar.

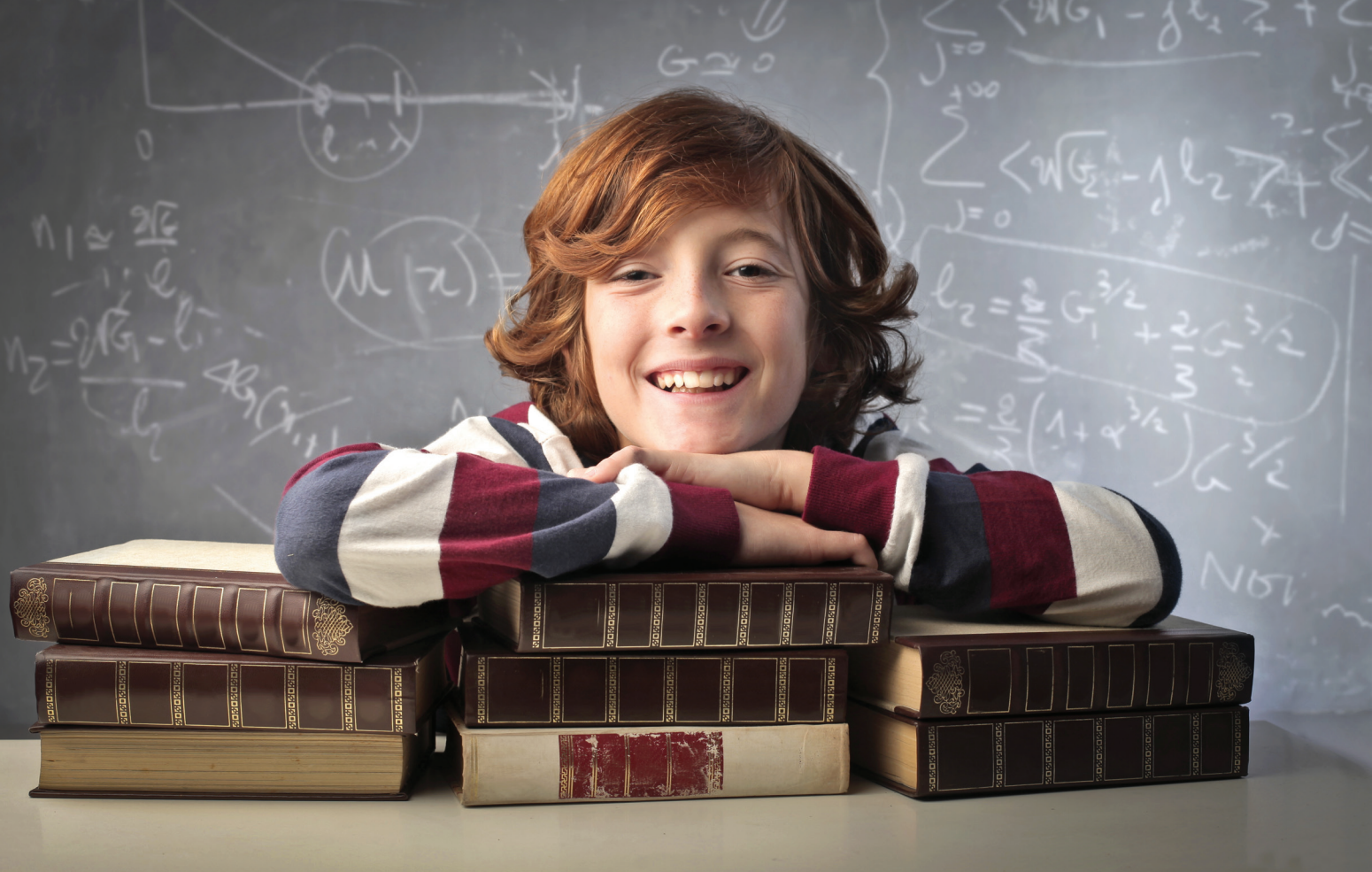
o seu currículo “não deve ser um reajustamento nem uma adaptação do currículo secular da sociedade”.¹⁰ Antes, deve posicionar-se de forma a atestar, criativa e ativamente, a sua inconfundibilidade. Esta postura reclama a necessidade de se analisarem conceitos, estruturas teóricas, métodos, recursos no estreito caminho de uma interpretação

cristã airosa, enérgica e rigorosa. Requer que, por exemplo, na escola se conjugue não só a melhoria das atividades religiosas regulares (por exemplo: aulas de educação moral e religiosa, orações em certos períodos do dia, meditação matinal, semanas de oração, estudos bíblicos, capelas, projetos de solidariedade e de intervenção social, clube da Bíblia, Clube

Missão, Ano Bíblico), mas também que se explore a sabedoria de Deus em todas as áreas do pensamento e da vida escolar ou, por outras palavras, se considerem e se relacionem “os pensamentos de Deus [...] com todos os acontecimentos da vida diária no lar”,¹¹ ensinando, assim, os alunos a pensarem de forma cristã e a serem consistentemente cristãos em todos os domínios da sua vida.¹²

A Integração da Fé – o Professor Cristão

Um dos grandes resultados da educação cristã nota-se, então, quando os alunos pensam e agem de forma cristã e são consistentemente cristãos em todos os domínios da sua vida. Para que se alcance este resultado, o professor cristão deverá desenvolver o seu trabalho educativo no sentido da integração total (ou fusão) da fé. A literatura diz-nos que, no dia-a-dia escolar, há uma tendência alternante entre a ausência total de integração da fé (em que se mantêm separados os mundos da fé e da aprendizagem), a relação dialógica da fé (em que se apresentam as diferenças e/ou correspondências entre a fé e a aprendizagem) e a relação conjuntural da fé (em que se usam os pontos de contacto naturais entre a religião e o assunto curricular). Mas o caminho deve ser no sentido em que “Jesus e o Seu amor deveriam ser entremeados com a educação ministrada, como o mais elevado conhecimento que os estudantes podem ter. ... ponham o Príncipe da vida em cada plano, em cada organização”,¹³ ou por outras palavras, “Cristo tem de ser introduzido em todos os estudos, para que os alunos possam beber aí o conhecimento de Deus, e representá-lo através do caráter”.¹⁴ Para tal, propomos que o trabalho do professor cristão assente na dinâmica seguinte: (a) aceitar que toda a verdade é proveniente de Deus; (b) compreender todos os assuntos segundo o conceito bíblico de verdade – um professor cristão não conse-



gue esconder o que é, pois os seus pensamentos, expressões, palavras, ações, estilo de vida o modelam; (c) incluir esta concepção bíblica do conhecimento na análise crítica que fará com o aluno, sobre as pressuposições básicas dos textos, as contribuições da sala de aula e as ideologias prevalentes, testando-as para ver se elas são cristãs e se devem ser aceites.¹⁵ Ajudará muito este trabalho se o professor compreender que não há dicotomia entre o sagrado e o secular na sua vida. Se ele assim crer, procurará sujeitar a Cristo toda a interpretação, desde o facto mais insignificante à mais complexa teorização. É uma dinâmica que se espalha ao longo do processo ensino/aprendizagem, inspirando modelos de vida, vivência de valores, interações dentro e fora da aula, vida social, vida espiritual, participação nos clubes, nos momentos de aconselhamento – é mais do que o processo formal da aula, envolve a vida total do homem.¹⁶ Por isso, o profes-

sor cristão deve procurar melhorar continuamente a sua ação, estudar respostas para a singularidade das situações que lhe surgem no dia-a-dia escolar, confrontar e construir saber entre pares, avaliar continuamente os processos e os resultados para que sejam possíveis reorientações e reposicionamentos mais consistentes e fiéis com os resultados esperados.

Quem tem estudado mais do que nós sobre esta temática, diz que a busca de consistência e fidelidade implica que o professor “cresça” no conhecimento na sua área de atuação, tendo uma visão estratégica que descreva um ideal do seu trabalho, planifique intencionalmente a integração da fé, conheça os temas bíblicos e os valores que subjazem aos assuntos, aprenda a contornar as contingências culturais, administrativas e religiosas para assim tratar o conhecimento coerentemente dentro da cosmovisão cristã.¹⁷ Nesta caminhada, o professor cristão

encontrará os temas e as questões que favorecem o estabelecimento de ligações entre o conteúdo, as crenças e os valores cristãos. Fará isto com o objetivo de auxiliar os seus alunos a construírem a sua própria concepção bíblica do saber, dos valores, da vida, do destino. Este é o caminho, o único caminho (acreditamos nós), para a formação de Cristãos cuja fé se construa doutrinária, eclesiástica e experimentalmente.¹⁸

Ao contrário de Deus que tem uma compreensão total e unificada da realidade, nós, seres humanos, finitos, não temos. A nossa capacidade de análise daquilo que nos rodeia está sujeita a distorções e limitações. Se quisermos mencionar um grande pomo de discórdia no campo da educação escolar adventista basta recorrer ao seguinte facto: “Não consigo encontrar nenhum caso na vida de Cristo que demonstre haver Ele dedicado tempo a jogos ou diversões. Ele era o grande Educador para a vida presente e futura. Não tenho

A nossa capacidade de análise daquilo que nos rodeia está sujeita a distorções e limitações.

conseguido encontrar nenhum caso em que Ele tenha ensinado os Seus discípulos a se empenharem na diversão do futebol ou em jogos de competição, a fim de fazerem exercício físico, ou em representações teatrais; e, no entanto, Cristo era nosso modelo em todas as coisas.”¹⁹ Sabendo disto, a formação inicial e contínua do professor cristão desempenham papéis fundamentais.

Muitas, muitas vezes, fazem-se esforços de oração e jejum para que o Espírito Santo seja derramado, abundantemente, sobre a obra educacional escolar Adventista do Sétimo Dia. Para que tal aconteça, é necessário, entre outras coisas, que cada professor “cresça” na sensibilidade à liderança do Espírito Santo e coloque em primeiro lugar as prioridades espirituais.²⁰ Isto porque, “a fim de interessarmos os nossos filhos na Bíblia, nós mesmos, devemos estar interessados nela. Para despertarmos neles amor ao seu estudo, devemos amá-la. A instrução que lhes damos terá apenas a importância da influência que lhe emprestarmos pelo nosso próprio exemplo e espírito”.²¹ Realmente, nenhuma

verdade é inteiramente apreendida a menos que faça alguma diferença na vida dessa pessoa.

Este trabalho será tanto mais conseguido quanto melhor a Igreja desempenhar o seu primordial papel e responsabilidade educativa e formativa.²² A atual diretora do departamento de educação da Conferência Geral está a sentir esta necessidade. Numa entrevista concedida à *Adventist News Network*, Lisa Beardsley refere que o crescimento do número de alunos não-adventistas que frequentam a educação escolar proporcionada pela Igreja, juntamente com o aumento do número de docentes não-Adventistas do Sétimo Dia nas escolas da Igreja, deve levar quem de direito a educar e a formar os docentes a integrar a fé de Jesus Cristo na sua vida, no processo ensino/aprendizagem, e a aumentar a percentagem de professores Adventistas.²³ Este exemplo corrobora a nossa posição de responsabilização do Departamento de Educação, em

convergência com outros Departamentos, e com o líder de cada um dos vários sistemas administrativos locais da rede escolar adventista – o diretor da escola, na potenciação, projeção, implementação, avaliação e (re)formulação de espaços e tempos de construção do saber, de práticas com vista ao aprofundamento e melhoria do desempenho do mandato social cristão. O Departamento de Educação deve fazê-lo, não como uma injunção (que seria problemática para muitos) mas, antes, como uma construção emocionalmente inteligente aferida ao nível dos resultados esperados do projeto educativo da Igreja, do Departamento e da escola, enfim ... do grau de correspondência com a declaração de missão. ❖

· **Álvaro Ribeiro**

Professor no CAOD

Licenciado em Desporto e Educação Física
Mestre em Ciências da Educação – Área
de Especialização em Administração
Educativa

1. Quanto mais estudo esta marca distintiva do currículo educativo cristão, mais certo fico de que a reflexão em torno da expressão “Integração da Fé de Jesus Cristo no Ensino e Aprendizagem” seria mais profícua face aos resultados que se pretendem alcançar.
2. Cf. J.A. Tucker, “Pedagogical application of the Seventh-day Adventist philosophy of education” in *Journal of Research on Christian Education*, 2001, vol. 10, pp. 309-325; General Conference of Seventh-day Adventists, *Os adventistas do Sétimo dia Creem... Uma exposição bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais*, Publicadora Atlântico, S.A., Sacavém, Portugal, 1989, pp. iv-viii.
3. Tucker, J. A., *Idem*.
4. Para além destas iniciativas, salientamos, a título de exemplo, a participação da pastora Paula Amorim e do professor Álvaro Ribeiro no 36ème Séminaire d’Intégration de la Foi et de l’Apprentissage que se realizou entre os dias 15 a 27 de julho de 2007 no Campus Adventiste du Salève.
5. Ver Marcos 10:13-16.
6. Ellen G. White, *In Heavenly Places*, Ellen G. White Estate, Inc., 1967, p. 63. Consultado em 12 de junho de 2011, em http://www.anym.org/SOP/en_HP.pdf.
7. Ellen G. White, *Educação*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 1997, p. 277.
8. Ellen G. White, *In Heavenly Places*, *idem*.
9. George R. Knight, *Philosophy & Education, An introduction in Christian perspective*. 4ª ed., Andrews University Press. Berrien Springs, Michigan, 2006, pp. 221-244.
10. *Idem*.

11. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 1997, p. 95.
12. George R. Knight, “Qual é o conhecimento mais importante? Colégios Adventistas em Busca de Significado” in *Revista de Educação Adventista*, n.º 2, 1994, pp. 4-7.
13. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2004, p. 587.
14. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2005, p. 132.
15. Esta abordagem do conhecimento não é fácil. Requer muito trabalho por parte do professor cristão, que muitas vezes é dificultado quando este é solicitado a assumir responsabilidades e a pronunciar-se sobre assuntos que, indo além da sua área profissional escolar, tendem a exaurir-lo física, mental e espiritualmente.
16. H. M. Rasi, “Worldviews, Contemporary Culture and Adventist Thought” in *Institute for Christian Teaching*, vol. 26B, 2000, pp. 0-15, consultado em 12 de junho de 2011, em http://www.aiias.edu/ict/vol_26B/26Bcc_001-015.htm.
17. R. I. B. Korniejczuk, “Integración de la fe en la enseñanza y el aprendizaje. Teoría y práctica” in *Publicaciones Universidad de Montemorelos*, Montemorelos, N.L., México, 2005.
18. G. H. Akers, “Alimentando a fé no ambiente da escola cristã” in *Revista de Educação Adventista*, n.º 3, 1995, pp. 4-8.
19. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 1997, p. 229.

20. G. H. Akers e R. D. Moon, “Integrating Learning, Faith, and Practice in Christian Education”, part I, vol. 8, s.d., pp. 1-16, consultado em 3 de maio de 2005, em http://www.aiias.edu/ict/vol_08/08cc_001-016.pdf.
21. Ellen G. White, *Educação*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 1997, p. 187.
22. Papel educativo, no sentido da orientação para o aprender sobre, determinação de objetivos amplos, apresentação de finalidades abrangentes pretendendo que a matéria aprendida pelo professor cristão possa ser utilizada (facilmente transferível) num grande número de contextos diferentes. Papel formativo, no sentido da orientação para o saber como, assistindo o professor cristão a ter um melhor desempenho pela promoção do desenvolvimento das suas competências normalmente associadas a uma tarefa específica, dependentemente do seu contexto profissional e organizacional, colocando muito menos ênfase na transferibilidade e, sempre que possível, avaliando os objetivos delimitados clara, precisa e especificamente. No que diz respeito à integração da fé, este papel educativo e formativo deve assentar naquilo que a literatura chama “as primeiras abordagens” de Ellen White sobre a integração da fé e aprendizagem. A saber, a necessidade de uma relação pessoal com Cristo, a importância de um reavivamento espiritual entre os educadores, o dever ético e académico de substituir textos e autores pagãos das aulas e a centralidade da mensagem de Cristo na educação.
23. Ver <http://news.adventist.org/2010/09/lisa-beardsley-want.html>.

Congresso Internacional de Universitários

Marcou presença no Congresso Internacional da AMICUS, realizado em Paris de 22 a 24 de setembro, uma simpática e dinâmica delegação portuguesa constituída por 13 jovens universitários e pós-universitários.

Tendo como objetivo despertar no jovem adventista uma profunda reflexão sobre a sua identidade e relação com as promessas divinas, mais especificamente com a da Segunda Vinda de Cristo, este encontro, que reuniu perto de 300 jovens provenientes de vários países da Divisão Euro-Africana, proporcionou significativos momentos de reflexão, debate e decisão. A problemática da preparação para os últimos acontecimentos deste mundo e do Grande Conflito no qual nos inserimos foi abordada por vários especialistas das áreas da Teologia e da



Ciência, que permitiram que os propósitos fossem plenamente alcançados, tal como testificam alguns dos participantes. Eis então alguns testemunhos recolhidos:

“Estamos a viver os últimos ‘five minutes’ deste mundo, pelo que devemos, mais do que nunca, aproximar-nos do nosso bom Deus e confiar-Lhe a nossa vida a 100%. Gostei muito das

mensagens e de relembrar que, apesar dos problemas, podemos confiar em Deus.”

Vera Ganhão, Matosinhos

“O Congresso contribuiu para, por um lado, fortalecer as minhas convicções acerca da Criação e da Redenção e, por outro lado, despertar ainda mais a minha curiosidade em procurar, dando-me, inclusivamente, algumas direções,

evidências que, de alguma forma, ‘suportam’ a Criação e a Redenção em Cristo Jesus.”

Miguel Santos, Matosinhos

Há esperança para os dias difíceis e de grande turbulência que o mundo atravessa. As profecias são creíveis, Deus não falha, Ele é Amor e a Sua Criação e sinais testificam e garantem-nos que o tempo está próximo, que Jesus em breve virá.

Que Deus desperte no Seu povo, na Sua juventude, a consciência para os momentos decisivos que estamos a viver, e que estes estabeleçam uma relação de confiança com Ele, pois Deus é Quem controlou o passado, controla o presente e controlará o futuro, a nova Criação.

Que cada jovem se pergunte diariamente: “Estarei eu pronto para a Segunda Vinda de Cristo?”

— Tiago Mendes Alves, Presidente da AUA/Diretor do Departamento de Educação da UPASD

Braga

Ministérios da Criança

Há já algum tempo que a Igreja Adventista de Braga não tinha um sábado tão preenchido como o do passado dia 15 de outubro de 2011 – Dia dos Ministérios da Criança. Da parte da manhã, tivemos uma participação especial das crianças nos programas da Escola Sabatina e do culto sagrado; estas partes especiais tiveram como tema “Sê como Jesus, vai pescar”, em que se fez alusão ao apelo de Jesus para sermos pescadores de homens. Apresentámos algumas músicas e ouvimos uma mensagem especial trazida pelo nosso irmão Fernando

Ferreira. Tivemos também um almoço-convívio no qual quase toda a igreja participou.

Da parte da tarde, fizemos uma visita à quinta pedagógica de Real, Braga, na qual fomos muito bem recebidos pelo engenheiro Fernando Pinto, da Câmara Municipal de Braga, que é o responsável pela quinta pedagógica. Foi-nos permitido fazer algumas atividades com as crianças, que envolveram os restantes membros da igreja; pudemos deixar ali a nossa marca com a doação de um animal, o pato “kiko”, que nos foi oferecido por um irmão da igreja. Assim, quando al-



guém fizer uma visita à quinta pedagógica irá ver o nome da nossa igreja no cartaz que foi colocado na montra da receção e junto ao lago dos patos.

Queremos também agradecer ao nosso maravilhoso Deus

que nos possibilitou um dia tão aprazível de união e alegria entre a nossa família do Céu.

“OH! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!” Salmo 133:1

— Fernando Ferreira, IASD de Braga

Festa de Natal para os Sem-Abrigo

“Construímos o nosso sustento através daquilo que obtemos. Mas a nossa vida constrói-se com aquilo que damos.”

Winston Churchill

Fomos buscá-los à rua na carrinha da ADRA do Porto e no carro do irmão Domingos, o Delegado da ADRA de Ermesinde.

Chegaram um a um. O salão de jovens da Igreja do Porto estava bem decorado e a mesa estava farta. A emoção dominava o momento.

O dia 25 de dezembro, dia em que comemoramos o nascimento de Jesus, foi um dia em que muitos não conseguiram

conter as lágrimas. Um Natal de Esperança, amizade e solidariedade foi a festa que a Coordenação Regional Norte da ADRA organizou para os Sem-Abrigo e para as famílias carentiadas apoiadas pela Adra.

Além da ceia na Igreja do Porto, um grupo coordenado pela irmã Áurea Bastos e pelo Pr. Paulo Renato Garrochinho saiu à rua para oferecer alimentos e uma palavra de Esperança.

O Mário Noronha fazia parte desse grupo:

“Estou fora da Igreja há muitos anos, mas a noite de hoje tem um significado muito especial para mim. Especial porque voltei à Igreja, que nem conhecia após a reconstrução, e porque participar nesta causa tão nobre tocou bem fundo o meu coração.

Agradeço a Deus por este momento tão importante na minha vida.”

A iniciativa, que contou com o apoio da ADRA-POR-TUGAL, do Colégio Adventista de Oliveira do Douro

(onde se confeccionaram os alimentos) e dos Voluntários da ADRA do Porto, Matosinhos, Pedrouços, CAOD, Ermesinde, Canelas e V.N. Gaia, deixou marcas, houve muitos sorrisos, lágrimas, emoção e muita alegria.

Houve bastante música e foi feita uma partilha de bens, que nos tinham sido proporcionados por alguns amigos e doadores solidários.

A todos os envolvidos na organização e implementação desta Festa de Natal para os Sem-Abrigo do Porto, o nosso muito obrigado.

Adra-Norte

Paulo Gomes/ Álvaro Bastos

Portadores de Luz

105 anos da Igreja Adventista do 7º Dia do Porto 1906-2011

Uma igreja chamada por Deus:

Para o Testemunho, para o Serviço, para a Proclamação.

O sábado, dia 10 de dezembro, foi vivido na Igreja do Porto como mais um dos

momentos altos da nossa presença nesta cidade.

Nas comemorações dos 105 anos, fizemos uma apresentação de diapositivos sobre a história da Igreja do Porto. Os(As) irmãos(ãs) das Igrejas de Matosinhos, Cane-

las, Avintes e Oliveira do Douro, que estiveram presentes, testemunharam da importância da Igreja do Porto como a Igreja “mãe” das suas igrejas.

Como convidado, esteve connosco o nosso querido Pr. José Manuel de Matos, Pastor da nossa Igreja de 1973 a 1982.

Após o maravilhoso sermão “Louvado seja o Nome do Senhor”, tivemos o almo-

ço em conjunto, coordenado uma vez mais pelo Departamento de Famílias a cargo da irmã Edite Macedo, e a reunião de Jovens “à moda antiga”, com a Juventude Adventista do Porto dos “velhos tempos” e muita participação dos Jovens da Igreja que estavam curiosos com este programa.

Álvaro Bastos,
Dep. Rel. Públicas

São Mateus

Os Lares de Esperança e uma Cerimónia Batismal

O dia 18 de junho de 2011 foi uma data memorável na história da Igreja de São Mateus, por ficar certamente registada nos livros do Céu.

Os irmãos Manuel Silva e Susana Tavares selaram um pacto com Cristo, por meio das águas batismais. Assinalaram diante da Igreja, diante de Deus e diante dos anjos, a sua entrada na família celestial. Como clarifica o testemunho profético: “O batismo simboliza soleníssima renúncia ao mundo. Os que, ao iniciar a sua carreira cristã, são batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo declaram pu-

blicamente que renunciaram ao serviço de Satanás, e tornaram-se membros da família real, filhos do celeste Rei” (Ellen White, *Evangelismo*, p. 307). Que sagrado privilégio! Estamos certos de que houve alegria nos Céus e de que os anjos de Deus ergueram as suas vozes em louvor ao Deus eterno e ao Cordeiro.

Estes irmãos conheceram a Igreja há muitos anos. Após um longo período de afastamento foram sensíveis e responderam afirmativamente ao constante apelo do Pai Celeste. Participaram durante quase um ano num grupo, de oito adultos e duas crianças,

segundo a série de estudos propostos para os “Lares de Esperança”. Tive o privilégio de visitar este grupo, orar e partilhar do clima cristão e de grande interesse pelo estudo da Palavra de Deus. Semana após semana refletiram no estudo orientado pelo primeiro ancião, irmão António Cunha, acompanhado pela sua esposa Fátima e a sua filha Sara; esta ocupava-se das duas crianças do grupo.

Oramos por estes novos irmãos, para que a semente



lançada durante estes encontros continue a frutificar nos seus e noutros corações. Que neste mundo conturbado surjam mais “Lares de Esperança” para reacender o farol da verdade.

Fernando Ferreira;
IASD São Mateus

O que significa “estar cheio do Espírito”? Infelizmente, o trabalho do Espírito Santo é frequentemente mal-interpretado. Os sentimentos religiosos intensos não são garantia de que o Espírito Santo está presente. Qual é o trabalho do Espírito Santo? Como é que Se manifestou o Espírito no ministério de Jesus e dos apóstolos? Como é que podemos saber que é o Espírito Santo que está em ação e não “espíritos de demónios que fazem prodígios” (ver Apoc. 16:14)? Uma melhor compreensão do assunto e uma abertura ao trabalho do Espírito podem ajudar-nos a cumprir o propósito de Deus para a nossa vida.

Jesus e o Espírito

João Batista estava a falar de Jesus quando disse: “Eu, em verdade, tenho-vos batizado com água; Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo” (Mar. 1:8). A característica distintiva do batismo cristão é o dom do Espírito Santo. Segundo Lucas, quando Jesus estava em Nazaré, explicou a Sua missão com a

leitura de Isaías: “O Espírito do Senhor é sobre Mim...” (Luc. 4:18; cf. Isa. 61:1). Assim, o Espírito capacitou Jesus para cumprir a Sua missão (Luc. 4:14; Atos 10:38). Mas em que consistia a missão?

“... Pois que Me ungiu para *evangelizar* os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, a *apregoar* a liberdade aos cativos, e dar

vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a *anunciar* o ano aceitável do Senhor” (Luc. 4:18 e 19).

Reparem na ênfase posta na proclamação. O ministério de Jesus era um ministério de pregação – pregar com palavras e atos. Naturalmente, os milagres de cura chamavam mais à atenção, mas até estes eram “parábolas práticas”, ensinando a cura espiritual e a vida que Ele proclamava.

Também vemos esta ênfase na proclamação em Cafarnaum, onde as pessoas “se maravilhavam da Sua doutrina” (Mar. 1:22). Apesar de os escribas serem reconhecidos como os peritos na Bíblia, Jesus falou com grande autoridade. Mais uma vez, vemos que o Espírito dá poder à proclamação – comunicando a

Poder do Pentecostes

Lições Básicas Sobre o Crescimento Dirigido pelo Espírito



palavra de Deus e permitindo a sua compreensão.

Os Discípulos e o Espírito

Descobrimos algo semelhante nos discípulos: Eles proclamaram a mesma mensagem que Jesus (Mat. 10:7; cf. 4:17) e com a mesma autoridade (Mat. 10:1). As pessoas podiam perceber que estes homens tinham estado com Ele. Eles faziam o *mesmo* trabalho e desfrutavam do mesmo sucesso, inclusive dos milagres da cura (Mar. 6:13). No entanto, havia muita coisa que eles não compreendiam e ainda tinham muito que crescer.

Eles também experimentaram o fracasso, expresso pela queixa do pai que trouxe o seu filho possuído por um demônio para ser curado: “E eu disse aos Teus discípulos que o expulsassem, e não puderam” (Mar. 9:18). *Porque é que falhámos?*, indagaram os discípulos. Jesus respondeu: “Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum” (Mar. 9:29).

Frequentemente, aquilo de que necessitamos, não é de mais poder, mas de mais oração e de mais fé. Se não sentimos o poder de Deus na nossa vida, talvez devêssemos primeiro assegurar-nos de que, em vez de confiarmos nos nossos talentos ou capacidades, estamos a orar pelo poder de Deus. Repare na razão apresentada por Ellen White para o fracasso dos discípulos:

“Em vez de robustecerem a fé pela oração e meditação nas palavras de Cristo, demoraram-se nos seus desânimos e agravos pessoais. Foi com um espírito negativo que empreenderam o conflito com Satanás. Para serem bem-sucedidos num combate assim, precisavam de pôr mãos à obra com um espírito diferente. ... Deviam *esvaziar-se* de si mesmos e *encher-se* com o Espírito e o poder de Deus. Só a súplica fervorosa, perseverante feita a Deus, com fé – fé que leva a esperar com *inteira* confiança n'Ele, consagrando-se *sem reservas* à Sua obra – pode ser eficaz para trazer

aos homens o auxílio do Espírito Santo na batalha contra os principados e as potestades, os príncipes das trevas deste século, as hostes espirituais da maldade em lugares celestiais.”¹

Estavam os discípulos naquele momento cheios do Espírito Santo? Aparentemente não, porque o seu “batismo” pelo Espírito Santo, ocorreria no futuro (Atos 1:5). O caminho para o glorioso dom do Espírito Santo passa, em primeiro lugar, pela Cruz. As suas esperanças seriam desiludidas e a sua fé severamente testada. Por vezes, pensamos que estar cheio do Espírito é uma “experiência uma-vez-cheio-sempre-cheio”. Mas os discípulos receberam o Espírito, pelo menos, três vezes: a) Depois da ressurreição, quando Jesus soprou neles o Espírito Santo (João 20:21 e 22); b) no Pentecostes (Atos 2:4); e c) depois de Pedro e João terem sido presos e libertos (Atos 4:31).

Olhando brevemente para estes três momentos, vemos o Espírito dado em ocasiões específicas, com propósitos específicos.

Pouco tempo depois da ressurreição, Jesus deu o Espírito Santo aos Seus discípulos (João 20:22) para os preparar como “sub-pastores”, para o seu trabalho especial de cuidarem e encorajarem os crentes desmotivados. Jesus deu prioridade a pastorear o “rebanho” de Deus, mostrando a necessidade de mantermos as “ovelhas” que temos antes de irmos procurar mais.

Contudo, os discípulos deviam esperar ainda mais poder do Espírito,

um derramamento que os prepararia especialmente para a evangelização: “E eis que sobre vós envio a promessa do Meu Pai: Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Luc. 24:49). Isto aconteceria no Pentecostes. Os discípulos já tinham recebido o Espírito Santo, mas ainda havia muita coisa que não tinham compreendido. Antes da ascensão de Jesus, eles perguntaram-Lhe: “Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos 1:6) Na Sua resposta, Jesus repreende-os gentilmente e, mais uma vez, promete um maior derramamento do Espírito: “Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1:7 e 8).

Acho fascinante Jesus não ter respondido a todas as perguntas deles. Para algumas das respostas teriam que esperar. Para outras, teriam que pesquisar a fundo as Escrituras. É por isso que Atos 1:14 diz que eles se dedicaram à oração – unidos. O resto do capítulo explica como, através do estudo das Escrituras, eles perceberam que precisavam de um substituto para Judas (vs. 15-20). Então, eles oraram, tiraram sortes e Matias tornou-se num dos Doze.

Reparem como é que Jesus, no Evangelho de João, descreveu aos discípulos o trabalho do Espírito. Ele

chama três vezes ao Espírito Santo o “Espírito de verdade” (14:17; 15:26; 16:13), que os guiaria em toda a verdade (16:13) e testemunharia de Jesus e do Seu trabalho (15:26). O Espírito Santo lembrá-los-ia do que Jesus tinha dito (14:26), e isso inclui a Bíblia toda. O Espírito Santo declara o que há de vir (16:13), por outras palavras, profetiza. Portanto, o Espírito que inspira a profecia, ajuda-nos a compreender a profecia. Mais uma vez, aqui vemos a ênfase na verdade, especialmente a *verdade* sobre Jesus e a profecia. Não podemos separar a *mensagem do Espírito que inspirou* essa mensagem.

Missão com o Poder do Espírito

No Pentecostes, a recepção do Espírito pelos discípulos foi o resultado de

levou-os a orarem por uma maior ousadia e coragem (4:29), e por mais milagres, para mostrarem às pessoas que o seu trabalho era feito em nome e no poder de Jesus (4:30; cf. 4:13).

Por causa das suas orações fervorosas, eles ficaram ainda mais cheios do Espírito (4:31). Como é que isto era possível? Não tinha o Espírito Santo sido derramado na totalidade no Pentecostes? Em nenhum lugar lemos que os discípulos necessitaram de mais Espírito Santo devido a uma limitação da parte de Deus. Eles foram preenchidos pelo Espírito na medida em que estavam dispostos a recebê-lo. Ao esvaziarem-se, podiam receber mais.

Ainda assim, os discípulos tinham muito para compreender. Pedro precisou de receber uma visão três vezes, seguida de uma explicação e de uma

diligente da Bíblia. Pelo contrário, o Espírito foi dado para nos levar a uma maior compreensão da verdade e do cumprimento da profecia.

Finalmente, ser cheio do Espírito não é uma experiência solitária, extática ou um fim em si mesmo, mas a maneira como Deus abre a porta do coração das pessoas para ouvirem e responderem à Sua Palavra. Está sempre ligado com o ensino e a pregação da Palavra. O Espírito torna-nos mais recetivos para ouvirmos a Palavra de Deus e para Lhe respondermos, não menos. Tal como os discípulos, para cumprirmos a nossa missão devemos estar cheios do Espírito. Mas não necessitamos de esperar por uma experiência longínqua, futura. A nossa vida pode ser cheia do Espírito agora mesmo – na medida em que estivermos dispostos:

“Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas da Sua graça não baixam sobre a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito.”²

Em última instância, embora devamos orar pelo poder do Pentecostes nos últimos dias, ficar cada vez mais cheios do Espírito *agora* é um pré-requisito vital para recebermos este tão esperado derramamento do Espírito Santo. Quanto maior percebermos que é a nossa necessidade, mais fervorosamente oraremos pelo derramamento do Espírito e estaremos abertos para recebê-lo diariamente. Somente então poderemos completar o trabalho que Deus nos deu, como Igreja e como indivíduos. 🌿

• Clinton Wahlen,
vice-diretor do Biblical Research Institute,
na Conferência Geral

Quanto mais dispostos estivermos a receber o Espírito Santo, mais Ele pode encher o nosso trabalho e a nossa vida.

estarem prontos para O receberem. Esta prontidão consistia em, pelo menos, três elementos (Atos 1:14-2:1):

- Unidos num propósito, aguardando pelo Espírito Santo;
- Unidos em oração, pelo derramamento do Espírito e uns pelos outros;
- Unidos na proclamação, compreendendo a mensagem e prontos para a proclamarem quando o poder do Espírito descesse sobre eles.

Conhecemos o resultado: Cerca de 3000 pessoas foram batizadas nesse dia e integradas no estudo, na oração, na adoração e na divulgação na comunidade cristã do primeiro século (Atos 2:41-47).

Depois de Pedro e João terem sido presos, devido ao seu testemunho cheio do poder do Espírito, e libertos, todos oraram ainda mais fervorosamente. A oposição, em vez de os intimidar como os líderes Judeus esperavam (Atos 4:17, 18, 21),

ordem para evangelizar os Gentios (Atos 10:9-20). Mais tarde, todos ficaram espantados, porque o dom do Espírito Santo não era só restrito aos crentes Judeus, mas também aos Gentios que creram em Cristo, que foram batizados e que estavam disponíveis para serem cheios do Espírito Santo (Atos 10:44-46; 11:15; 15:8).

O Que Podemos Aprender

Dos Evangelhos e Atos aprendemos que o Espírito vem em proporção direta à abertura da pessoa que recebe o dom. Quanto mais dispostos estivermos a receber o Espírito Santo, mais Ele pode encher o nosso trabalho e a nossa vida. Além disso, ser cheio do Espírito Santo não é uma experiência de “uma-vez-cheio-sempre-cheio”, mas um crescimento em graça à medida que nos abrimos cada vez mais à liderança e ao poder do Espírito. Ser cheio do Espírito não é um substituto do estudo

1. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 2ª ed., Publicadora SerVir, Sabugo, Almagem do Bispo, 2004, pp. 364 e 365; ênfase acrescentada.
2. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 2ª ed., Publicadora SerVir, Sabugo, Almagem do Bispo, 2010, pp. 36 e 37.

Celebrações Criativas:

Envolver as crianças nos vossos serviços especiais

O que aconteceria se tomássemos tempo para analisar as experiências das crianças da nossa congregação e colocássemos as suas necessidades no coração da Igreja? O que aconteceria se planeássemos a nossa adoração, missão e serviço a partir desta perspetiva radicalmente diferente?

Aqui estão algumas ideias para começar a pensar sobre o envolvimento das crianças nos eventos especiais da sua igreja. As igrejas estão em lugares diferentes ao longo da jornada de inclusão da criança, e em algumas culturas certas coisas são inaceitáveis ou têm significados locais diferentes para ações e símbolos. Por isso, uma larga variedade de

ações foi incluída, não como prescrições, mas como ideias para estimular a reflexão e a criatividade.

Envolver as Crianças na Dedicação de Bebês

1. Convide as crianças a darem as boas-vindas ao novo bebé, à sua família da igreja chamando-as à frente e sussurrando em uníssono: "Olá, (nome do bebé)! Jesus ama-te e nós também!", ou utilize outra frase acolhedora. Se tem poucas crianças e os pais estiverem dispostos, cada criança pode tocar gentilmente nos pés do bebé.

2. Entregue às crianças mais crescidas uma folha de papel na qual tenha escrito o nome do bebé, uma letra em

cada linha, na margem esquerda do papel. Peça-lhes para criarem uma bênção simples, uma oração ou frase, onde cada palavra comece com uma letra do nome do bebé. Inclua o nome da criança que escreveu a bênção e a sua fotografia, se for possível. Recolha as folhas e entregue-as aos membros da família num álbum de recordes que eles possam conservar.

3. Crie um quadro para o quarto do bebé. Um adulto pode fazer um desenho no centro do quadro em branco, incluindo o nome da criança, um versículo bíblico e uma imagem simples, como, por exemplo, um cordeiro no campo. Proteja o quadro com um plástico transparente resistente, e deixe as crianças da igreja escreverem o seu nome,

orações, bênçãos e desenhos no rebordo do quadro. Remova o plástico protetor e entregue o quadro à família como um presente especial.

Envolver as Crianças no Serviço Batismal

1. Certifique-se de que as crianças conseguem ver em segurança o que se está a passar. Enquanto alguém está a ser batizado, entregue a cada criança pedaços de papel vermelhos em forma de coração (ou pétalas de rosa) para espalhar sobre a água. Utilize esta ação como um lembrete de que o batismo é a nossa resposta ao extraordinário amor de Deus.

2. Entregue a cada criança um pedaço de plástico cortado com a forma de uma pessoa. Deixe-as utilizarem um marcador ou caneta não permanente e escrever algumas das coisas que tenham feito mal. Arranje um grande recipiente de água, com altura suficiente para que as crianças acedam facilmente à água (coloque no chão e nos móveis um pedaço de material impermeável para o caso de se entornar água). Depois, deixe as crianças “batizarem” a sua pessoa de plástico na água, e limpá-la com um pedaço de papel absorvente.

3. Envolver as crianças na criação de uma caixa da promessa por cada pessoa batizada na sua igreja. Entregue-lhes cartões em branco, e convide-as a escrever no cartão, o mais limpo possível, o seu versículo favorito. Reúna os cartões, coloque-os numa caixa ou num suporte de cartões atrativo e entregue a caixa da promessa ao candidato. Os adultos também podem acrescentar promessas à caixa. Também pode ser significativo se cada pessoa escrever o seu nome no verso do seu cartão da promessa, para que o recetor saiba quem escreveu as promessas.

Envolver as Crianças na Cerimónia Matrimonial

Alguns casais podem desejar envolver as crianças na sua cerimónia matrimonial. Talvez, os noivos este-

jam ativamente envolvidos nos mistérios da criança e desejem descobrir uma forma significativa de envolver as crianças. Ou talvez acreditem que o casamento é uma cerimónia da comunidade que necessite do envolvimento dos seus amigos, independentemente das suas idades. Se vai officiar a cerimónia de um casal que deseje envolver as crianças na sua cerimónia matrimonial, aqui estão algumas ideias.

1. Convide as crianças a darem as mãos num círculo à volta dos noivos

atividades cristãs e com autocolantes, por exemplo, que podem ser um testemunho para as crianças e famílias que não frequentam habitualmente a sua igreja.

4. Entregue a cada criança uma folha de cartolina, com um desenho atrativo impresso e alguns lápis de cor. Peça às crianças para desenharem o casal com as suas roupas de casamento, e depois escreva algumas ideias, no desenho, sobre como o casal pode ter um casamento feliz. Junte estes desenhos num álbum e



durante a oração matrimonial. O círculo de crianças pode representar o círculo de amor de Deus à volta do casal e o apoio que a comunidade promete conceder aos dois.

2. Peça às crianças que leiam versículos bíblicos sobre o amor, e que digam o que pensam que esses versículos podem significar para os cônjuges. Podem praticar com um adulto responsável que as ajudará a pensar sobre os versículos e que anotará as suas respostas criativas.

3. Pode ser distribuído às crianças que assistirão à cerimónia matrimonial um pequeno saco de objetos silenciosos para os entreter durante o serviço. Ofereça alguns livros de

ofereça-o ao casal como uma recordação desse dia.

5. Peça a um artista, na sua congregação, para projetar uma folha temática, sobre cerimónias matrimoniais e casamento, para as crianças completarem durante o serviço.

Envolver as Crianças no Serviço de Santa Ceia

Como adultos, ajudamos a criar reverência ao redor da mesa da Santa Ceia, e necessitamos de descobrir maneiras de ajudar as crianças a participarem, tal como as crianças das famílias judaicas estão ativamente envolvidas na experiência da Páscoa. A forma como fazemos isso

deve igualmente enquadrar-se com as nossas crenças e as nossas ideias sobre como devem ser organizados os serviços da Santa Ceia.

Algumas famílias evitam ir à igreja no dia da Santa Ceia porque a sua igreja elimina a história semanal infantil, o serviço é longo de mais, ou o evento é solene de mais e as crianças não estão incluídas nas atividades. Precisamos de ter consciência disso e descobrir maneiras novas de envolver as famílias nesta importante celebração.

Aqui estão algumas ideias para incluir, mais ativamente, as crianças no serviço da Santa Ceia.

1. Ajude as crianças a fazerem uma pequena caderneta que descreva o significado que atribuímos aos diferentes elementos da Santa Ceia. Dobre uma folha de papel pela metade e escreva um título na capa, tenha uma página para o lava-pés, uma para o pão e uma para o sumo de uva. Arranje formas recortadas que as crianças possam colar nas páginas com diferentes textos e palavras que podem escrever dentro da caderneta para as ajudar a compreender.

2. Convide as crianças da classe dos Primários a pesquisarem os símbolos do pão e do vinho sem álcool utilizados na Páscoa e na Santa Ceia. Ajude-as a realizarem uma apresentação das suas descobertas de modo criativo durante o serviço da Santa Ceia.

3. Entregue a cada criança um coração de papel manchado, antes do início do serviço de Santa Ceia, e explique que isso representa o coração delas cheio de todos os momentos em que elas quebraram as leis de Deus. Depois, durante o serviço, deixe as crianças trocarem o coração cinzento e manchado, pelas bolachas de pão de Santa Ceia brancas em forma de coração, cozinhadas especialmente para elas, para ilustrar que Jesus nos perdoa completamente.

4. Mostre às crianças um vídeo infantil sobre a morte e a ressurreição de Jesus ou sobre a última Santa Ceia, durante o tempo em que os

adultos estão a realizar o lava-pés.

5. Deixe as crianças escreverem ou desenharem nos pés aquilo que ilustra as coisas que fizeram que desejariam que Deus perdoasse. Utilize canetas com tinta lavável ou que se dissolva na água, que pode adquirir nas lojas de costura, de modo a que as marcas saiam com facilidade quando lavarem os pés. Deixem-nas escolher uma loção ou creme perfumados que possam pôr nos pés depois, para se recordarem daquilo que Maria fez por Jesus quando ela derramou o perfume sobre os pés d'Ele.

6. Prepare uma sala para o lava-pés das famílias, onde as crianças possam ajudar os seus pais a lavarem os pés um ao outro, e, talvez, os pais também possam lavar os pés dos seus filhos. Certifiquem-se de que a criança compreende porque é que estão a fazer isso e porque deve ser um acontecimento respeitado. Numa igreja, o pastor ajoelhou-se e lavou os pés de todas as crianças no serviço do lava-pés.

Envolver as Crianças no Serviço de Ação de Graças

1. Antecipadamente, convide as crianças a escolherem um objeto pelo qual estão particularmente gratas e a trazê-lo para o serviço de Ação de Graças. Entreviste as crianças sobre as suas escolhas ou exponha os objetos com um cartão de cada criança onde dizem porque é que ele ou ela se sentem gratos por esse objeto.

2. Convide as crianças a chegarem à frente e comece a soletrar o alfabeto, pedindo-lhes para pensarem em coisas diferentes que desejam agradecer a Deus e que comecem pelas diferentes letras ditas por ordem alfabética, como, por exemplo: amoras, (Tia) Amélia, bicicleta, barco, chocolate, canetas, etc.. Ou planeie com antecedência e forme um coro de vozes de gratidão no qual as crianças nomeiam à vez uma coisa pela qual estão particularmente gratas.

3. Entregue a cada criança um cartão infantil de gratidão conforme forem chegando à igreja. Pode encon-

trar nas papelarias cartões com desenhos simples que as crianças podem colorir. Convide-as a escreverem uma carta de agradecimento a Deus durante o serviço ou a desenharem algo por que estejam gratas dentro do cartão. Arranje um local onde possa exibir os cartões de gratidão depois do serviço, e encoraje os adultos a lerem o que as crianças escreveram.

4. Traga para a igreja uma árvore de gratidão. Algumas semanas antes do serviço de ação de graças, entregue a cada criança etiquetas de bagagem ou de presente já presas por um fio ou cordel, para levarem para casa. Encoraje-as a escreverem uma nota de gratidão a Deus em cada etiqueta e a desenharem ou colarem uma imagem daquilo por que estejam gratas no verso da etiqueta. Durante o serviço, ajude as crianças a pendurarem as etiquetas na árvore de gratidão no momento apropriado.

Conclusão

Pode ser desafiante descobrir maneiras de envolver as crianças nos nossos serviços, mas todo o investimento vale a pena para as ajudar a sentir que são uma parte especial da nossa comunidade e que a igreja delas considera as suas necessidades de bom grado, as envolve e as valoriza.

Se tem poucas ideias, pode explorar os seguintes sítios: www.barnabasinchurches.org.uk e www.lightlive.org, onde pode procurar atividades específicas (oração, histórias, ideias interativas, etc.) ou histórias e temas bíblicos.

E lembre-se: aquilo que fizer por um desses pequeninos, está a fazê-lo para Cristo. ✨

• Karen Holford,

*vice-diretora dos Ministérios da Criança,
na IASD do Sul da Inglaterra*

*Heather Hanna, *Daniel Asks About Baptism and Communion*, Pacific Press Pub. Assn., Nampa, ID, 2005.

<http://www.dsa.org.br/ministeriodacrianca/>
<http://www.advir.com/crianças/>
<http://www.familia.adventistas.org.pt/mcrianca/index.php>

Amor Inteligente

**Bons fundamentos
para um
relacionamento de
qualidade, inteligente
e pleno**

Se muitos dos problemas que sofremos nos nossos relacionamentos pessoais se devem ao facto de sermos maus, devem-se ainda mais ao facto de que, frequentemente, não agimos de modo inteligente. Dizia-nos um velho professor, na aula, que somos todos estúpidos pelo menos cinco minutos por dia, e que a verdadeira sabedoria reside no facto de não ultrapassarmos de mais esse limite...

Quantas vezes já ouvimos alguém comentar o fracasso sentimental de um casal que, na sua opinião, não se deveria ter formado, repetindo a conhecida frase de que “o amor é cego”? Não estou de acordo com esta ideia. Acredito que o amor verdadeiro é algo muito grande e belo. O que acontece é que existem amores muito pouco dignos desse nome e, sobretudo, amantes que, não somente estão cegos, mas também surdos e inclusive tontos. Rapidamente a experiência da vida ou, em último caso, o casamento, acaba por lhes abrir os olhos, os ouvidos e até o entendimento. Infelizmente, por norma, já é demasiado tarde...

Blaise Pascal pretendia explicar esta fraqueza emocional, que nos aflige com demasiada frequência, alegando que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. Com isto queria dizer que a inteligência e o amor são duas coisas muito diferentes. Concordamos com ele. O que não acreditamos, em absoluto, é que a inteligência e o amor sejam realidades incompatíveis.

É significativo que dois dos melhores especialistas sobre o tema, o espanhol Enrique Rojas e a norte-americana Nancy Van Pelt, tenham publicado cada um o seu livro, com um título semelhante: *Amor Inteligente*. Pouco tempo depois, estreava um filme espanhol intitulado *Amor Idiota*. Se podemos falar de amores idiotas e de amores inteligentes, a minha pergunta é: O que é que torna o amor idiota ou inteligente? O que queremos dizer com “amor inteligente”? Que fique bem claro que falamos de algo diferente do “amor interesseiro” desses acordos de conveniência, de que se fala nas revistas cor-de-rosa, entre as belas jovens e os velhos empresários muito ricos. Nós qualificamos como “amor inteligente” aquele que começa bem, prossegue bem e não acaba nunca, fazendo felizes – na medida possível entre os seres humanos – os cônjuges e aqueles que os rodeiam.

1. Começar como Deus ordena

Para isso, devemos começar por colocar fundamentos sólidos para a relação e não construir a casa começando pelo telhado. Mas, como acertar na minha escolha de parceiro?

a) Os critérios de Deus

Deus, sabendo que “não é bom que o homem esteja só”, mas, sem dúvida, prevendo que, às vezes, “mais vale só do que mal acompanhado”, deu-nos dois critérios básicos para avaliar qualquer potencial parceiro. Ambos são fundamentais e não podemos ignorá-los sem riscos: “... far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idónea” (Gén. 2:18, *JFA-Revisada Imprensa Bíblica*). A noção de “ajuda” refere-se a alguém que me permite obter aquilo que não posso conseguir sozinho. O ad-

tes de se comprometer a sério, se a pessoa de quem se gosta é uma “ajuda idónea” ou não.

b) Características de um namoro “inteligente”

Num namoro “inteligente” (à luz da Bíblia), os namorados, além de gostarem um do outro e de se amarem, ajudam-se mutuamente. Isso implica que se respeitam plenamente, conversam muito para se conhecerem, oram juntos para que Deus os oriente, informam-se bem daquilo que ambos pensam sobre os assuntos relacionados com o casamento, recebem aconselhamento pré-matrimonial, ouvem as opiniões dos profissionais e de quem os aprecia sinceramente (os pais, os amigos), controlam-se afetiva e sexualmente, não têm pressa em sal-

Quantas vezes já ouvimos alguém comentar o fracasso sentimental de um casal que, na sua opinião, não se deveria ter formado, repetindo a conhecida frase de que “o amor é cego”!?

jetivo “idónea” qualifica a ajuda específica de que necessito. Trata-se, pois, de formar casais que se entendam e se complementem, que formem uma equipa para realizarem alegremente juntos o seu projeto de vida. Quando estas condições não se reúnem, muitos juntam-se, em lugar de ser com “uma ajuda idónea”, com um “estorvo inoportuno”, acabando em erro fatal. Outros, cansados de procurarem a sua utópica “meia laranja”, como se só existisse no mundo uma pessoa capaz de os fazer felizes, acabam por encontrar mais uma “tangerina inteira”, ou um “perfeito limão”...

Não nos esqueçamos de que uma escolha errada e um mau namoro costumam ter, como consequência natural, um casamento ainda pior. Por isso, é melhor assegurar-se, an-

tarem etapas, e casam-se apaixonados quando chegar o momento.

Num namoro inteligente, os namorados põem em ação o coração e a cabeça, em vez do resto. Estão atentos aos seus sentimentos, mas sem ignorarem os seus princípios, propõem-se a lindos ideais sem perderem de vista a realidade. Isso requer boa vontade de ambas as partes e um mínimo de maturidade que lhes permita estarem, ao mesmo tempo, apaixonados e lúcidos e cultivarem com serenidade os ingredientes duradouros do amor.

2. Amar pelo caminho certo

Depois desse bom começo, trata-se de seguir pelo caminho certo, sem se desviarem dele. A melhor definição do amor inteligente, e o melhor itinerário para o conseguir, estão expostos em I Coríntios 13:

a) O amor inteligente deseja compreender

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha” (v. 4, NVI).

Amar de modo inteligente é desejar compreender o outro. Amar alguém é introduzir-se no seu círculo pessoal e tentar compreendê-lo para o ajudar a alcançar todo o bem possível. Conhecer alguém requer um caminhar mais ou menos longo até à história interna do outro. Uma “viagem ao centro da outra pessoa”, que requer, além de tempo e paciência, tato e amor. A vida, com os seus desafios, lutas e reptos, ensina mais do que muitos livros – é a grande professora.

“Compreender” tem origem numa palavra latina que significa “abrange, abraçar”. Mas, para se chegar a esta intimidade, faz falta, antes, entender, que, em Latim, significa “ir até, dirigir-se à procura do outro, aproximar-se”. Para perceber o outro na sua riqueza e complexidade, é preciso conversar muito. À medida que vai conhecendo o outro mais profundamente, a pes-



b) O amor inteligente respeita sempre

“Não maltrata, não procura os seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor” (v. 5).

Aqueles que se amam de todo o coração e com toda a sua mente, que se conhecem, que se respeitam, aceitam os defeitos e as limitações do outro, sem caírem nos erros da idealização excessiva. No amor inteligente, cada um conserva a sua liberdade, não procura dominar o

c) O amor inteligente nunca perde o controlo

“O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade” (v. 6).

Quando, na aproximação amorosa, se perde o controlo, ou se falta à verdade, o resultado pode chegar a ser imprevisível, terminando em situações tão injustas como as que vão do *flirt* à infidelidade. O respeito permite evitar as situações de risco. O amor maduro sabe defender

Amar é aceitar ficar preso a alguém que vale a pena ter sempre por perto.

soa pode apaixonar-se a sério, assumindo assim o passado do outro, partilhando o seu presente e construindo juntos um futuro em comum.

A amizade entre duas pessoas, sob orientação divina, conduz sempre ao crescimento afetivo, intelectual e espiritual. Se esta leva ao desejo irrenunciável de um compromisso definitivo, chega-se à conclusão de que vale a pena partilhar a vida com o outro. Esta expressão – valer a pena – significa que o esforço paciente de ir conhecendo o outro, o trabalho de o descobrir passo a passo foi útil e que se deseja seguir com ele. Os sentimentos submetidos, deste modo, ao critério da razão e aos padrões inspirados por Deus, tornam-se firmes e sólidos.

seu parceiro e submetê-lo aos seus próprios critérios. Aquilo que se procura é dar ao outro o melhor de si mesmo, mantendo a sua identidade, mas procurando unir-se ao outro e aceitá-lo plenamente. Os amores ciumentados e possessivos têm sempre resultados prejudiciais. Fazem sempre sofrer, porque, ao sequestrarem psicologicamente o outro, impedem que ambos cresçam como pessoas. Portanto, devemos recomendar consenso permanente em tudo o que diga respeito ao relacionamento. Ou seja, nem uma possessão desmedida, nem uma liberdade sem amarras: o amor inteligente é, inevitavelmente e ao mesmo tempo, uma emancipação e uma sujeição, uma liberdade e uma comunhão.

o relacionamento, impedindo que terceiras pessoas entrem na sua intimidade. Amar de forma inteligente é cuidar do autocontrolo. O governo mais importante do mundo é o exercido sobre si mesmo. Amar também é saber esperar (embora isso requeira uma decisão que para muitos parece ascética). Não fazer sempre, e acima de tudo, o que me peça o corpo, mas sim, aquilo que devo. Não enganar o outro com atitudes que nos rebaixam e minam a nossa autoestima, mas sim procurar, com a verdade em primeiro lugar, aquilo que contribui para o bem do outro e que, ao mesmo tempo, nos enobrece e realiza. A maturidade inclui colocar o exercício pleno da sexualidade no lugar que lhe corresponde, ou seja,



no casamento. A pessoa mais livre e mais inteligente não é aquela que faz o que o instinto lhe pede num determinado momento, mas sim aquela que faz o que é mais conveniente em cada momento.

O amor inteligente evita riscos desnecessários. Ninguém pode prever determinados vendavais. Para conservar a fidelidade que prometemos ao outro é necessária valentia e vigilância. E isso só se consegue com decisão e vontade. Quem ama verdadeiramente uma pessoa, é-lhe fiel, por muito tentado que se sinta e ainda que a fidelidade não esteja na moda. Proteger o amor é canalizá-lo e não deixá-lo fugir para correr atrás de novas aventuras. O amor inteligente deve consolidar-se na fase da amizade, sabendo que a fidelidade não se põe em risco, insensatamente, no dia menos esperado, mas é composta de pequenas lealdades constantes. A fidelidade e a vontade caminham juntas. Se o coração não está bem protegido, pode perder-se por estradas imprevisíveis, cujo “fim [...] são os caminhos da morte” (Prov. 14:12).

A pessoa sentimentalmente imatura deixa-se arrastar pelos desejos imediatos. Aquela que é inteligente sabe defender-se daquilo que aparece inesperadamente, na sua paisagem afetiva, porque está comprometida com a tarefa de proteger o amor escolhido livremente e o compromisso que isso implica.

d) O amor inteligente desenvolve a cumplicidade da amizade

“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (v. 7).

São quatro afirmações absolutas que devemos compreender no sentido de “desculpa tudo o que é desculpável”, “acredita em tudo o que é credível”, “espera tudo o que é esperável” e “suporta o suportável”. O amor inteligente requer um certo jogo de aproximação e de distância, de proximidade e de afastamento, mas sempre de cumplicidade. A cumplicidade oferece ao casal um projeto comum. Combina os sentimentos com a inteligência, que ajuda a ver mais claro, e com a espiritualidade, que nos torna melhores. A inteligência encontra-se precisamente na busca do melhor. O amor cúmplice transforma os amantes em participantes secretos do que é mais íntimo, em colaboradores, em companheiros e em amigos.

Finalmente, o amor inteligente vem para ficar. Não é nómada. Não passa, inclinando-se para uma e outra pessoa, procurando-se mais a si próprio do que ao outro. O verdadeiro amor é um compromisso, por isso implica sempre uma inevitável perda de liberdade. Dá asas e tira-as. Abre uma porta e fecha uma janela. Amar é aceitar ficar preso a alguém que vale a pena ter sempre por perto. Amar é também renunciar a outras possibilidades e, naturalmente, a uma parte de si mesmo. Não existe felicidade sem aceitar de forma inteligente que terá que renunciar a algo. É necessário escolher entre um amor passageiro ou um amor duradouro. Porque amar não é fechar-se na prisão de outros braços, mas abandonar a prisão da solidão. Qualquer grande amor inclui o desejo de que dure para sempre. O outro não é amor: são aventuras.

Por isso, o amor inteligente pede conselho. Aprende sempre sobre si mesmo e sobre o outro, sobre os sentimentos, sobre as emoções, sobre a comunicação, a resolução de con-

flitos, etc., ou seja, sobre os pontos fortes do amor que perdura.

Hoje, com a degradação da vida afetiva, chamamos amor a qualquer relacionamento, incluindo os romances e as paixões. Uma perspetiva superficial, baseada na sexualidade e divulgada pelo cinema e pela televisão, erotizou e banalizou o amor. A nossa sociedade transformou o amor num produto comercial. Não podemos confiar no que aprendemos por aí. O verdadeiro amor (na Bíblia, o amor *ágape*) é mais do que paixão, afeto ou amizade. É um amor inteligente porque é *ágape*, ou seja, alimenta-se da essência de Deus. Por isso, quanto mais formado, inteligente, maduro e espiritual alguém é, mais quer aprender a querer. Porque deseja partilhar um amor de cada vez mais qualidade, mais satisfatório e mais duradouro.

e) O amor inteligente conta com Deus

“O amor nunca perece” (v. 8).

Nós, que somos cristãos, contamos com Deus para conduzir a nossa vida. Sabemos que a aventura da nossa existência não termina aqui. O nosso projeto de vida nesta Terra estará sempre inacabado, incompleto, porque se projeta na eternidade. E somente através da esperança conseguimos ser felizes aqui, sem exigir desta vida mais do que ela nos pode dar.

O amor inteligente deseja ser eterno. Constrói-se cada dia, e o seu desejo de fazer o outro feliz compromete-o a “querer desejar”, até ao ponto do sacrifício se for necessário. Saibam que só Deus, que é amor supremo, inteligência suprema e sacrifício supremo, pode alimentar o nosso amor precário e convertê-lo num amor inteligente, duradouro e pleno. ♡

• Roberto Badenas,
pastor e professor no SAE (Seminário Adventista Espanhol)

Este artigo foi publicado pela primeira vez na *The Advent Review and Sabbath Herald*, em 25 de março de 1902. Os ASD acreditam que Ellen G. White (1827-1915) exerceu o dom bíblico de profecia durante mais de 70 anos no ministério público.



Alguém Quer Vir à Igreja?

Porque é que os ocupados modernos (e pós-modernos) ainda precisam da Igreja

"A Igreja era um bom lugar para mim quando era criança, talvez um pouco entediante por vezes, mas essencialmente bom. Então, o meu grandemente admirado professor da Escola Sabatina Juvenil fugiu com outro homem, depois de ter ensinado tudo sobre casamentos felizes. Ao longo dos anos tornei-me cínica. A Igreja não era o que deveria ser. A Igreja estava cheia de hipócritas. A Igreja... esperem um minuto. Quem, ou o quê, é esta Igreja sem nome? A IASD é constituída por milhões de rostos individuais. A Igreja é composta de indivíduos entediados, ativos, amáveis, egoístas, sinceros, hipócritas, bondosos, feridos, confusos, sábios, esgotados, frágeis, insensíveis, preguiçosos, trabalhadores, delicados, esperançosos, abusados, críticos, humildes. Pessoas tão humanas como eu. Tão humanas como vocês. Nós somos a Igreja.

O Milagre de Deus ao longo da História

Então o que é que junta milhões de indivíduos, com diferentes tons de pele, diferentes expectativas de vida, diferentes línguas, diferentes ideias, diferentes culturas? Nada menos do que um milagre! E esse milagre tem

um nome – Jesus. A Igreja é a comunidade de crentes que confessam que Jesus Cristo é Senhor e Salvador.

Deus sempre Se especializou no impossível (Mat. 19:26). Podemos seguir o rasto das nossas raízes espirituais até uma promessa impossível feita a um homem sem filhos (Gén. 12:1-3). Deus tornou o impossível possível e deu a Abraão muitos descendentes. Depois, libertou todo o grupo da escravatura. A “congregação no deserto” (Atos 7:38) viu o Mar Vermelho abrir-se para eles, o pequeno-almoço chegar à porta das suas tendas, as fontes de água saírem das rochas. Eles não eram perfeitos: tinham murmuradores, idólatras, ladrões, glutões e conspiradores entre eles. Mas Deus, calmamente, decidiu purificar e limpar – individual e corporativamente. Deus estava a chamar a Sua Igreja para experimentar a Sua salvação pessoalmente e estender o convite aos outros (Isa. 56:7). Alguns responderam positivamente. Alguns atiravam sempre as culpas contra Deus. Deus tinha a Palavra final – chamava-Se Jesus (João 1:1-3).

Em Jesus, Deus começou outra tarefa impossível. Jesus começou a treinar um bando de discípulos conflituosos. Doze homens viraram o mundo então conhecido às avessas

para Deus. Satanás tentou acabar com a Igreja inexperiente através da perseguição. Deus fez o impossível. A Igreja tornou-se mundial. A seguir, Satanás tentou sufocar a seiva vital de Cristo dentro da Igreja, ao introduzir os ensinamentos humanos. O fogo selvagem da Reforma chamou a Igreja de volta ao seu verdadeiro Chefe. Mas a complacência ressurgiu rapidamente. E, mais uma vez, Deus fez o impossível. Ele chamou um pequeno grupo de jovens (praticamente todos abaixo dos 30 anos). Ajudou-os a redescobrirem verdades especiais e deu-lhes dons e um trabalho grandioso. E é aqui que nós e milhões de outros Adventistas entramos. Nós fazemos parte do milagre que Deus realizou através dos nossos pioneiros.

Metáfora 1: O Corpo

Deus sempre teve os Seus ideais para a Sua Igreja. O Velho e o Novo Testamentos apresentam estes ideais numa linguagem metafórica. Aqui estão quatro das minhas metáforas favoritas, só para aguçar os nossos apetites espirituais. A primeira é a metáfora, bastante óbvia, da Igreja como um corpo (I Cor. 12:12-27). Penso que seja especialmente relevante, sabendo que cada um de nós, invariavelmente, já entalou um dedo numa porta e sentiu um nó no estômago ao segurar o dedo magoado e ao gritar de dor. Como parte do corpo de Cristo, estou intimamente ligada a si. A sua dor ou perda é, direta ou indiretamente, a minha dor ou perda. Preciso de ser mais sensível consigo. Precisamos de nos unir; porque sem si não vou a lado nenhum.

Metáfora 2: O Edifício

Muitas vezes tenho pensado que as igrejas são edifícios bastante está-

ticos, fixos, que, provavelmente, são remodelados cada 10 anos. Paulo, no entanto, fala da Igreja como sendo um templo construído com pedras vivas (I Cor. 3:9-17). Em alguns países do mundo, tive um pequeno vislumbre de templos “vivos.” Ali, o número de membros supera claramente os edifícios ou os fundos disponíveis. Na primeira visita a uma igreja pode encontrar 40 membros a adorarem num chão sujo com troncos de madeira no lugar dos bancos e esteiras de palha como paredes e telhado. Dentro de seis meses as fundações foram cavadas e o número de membros subiu para 50. Três meses mais tarde, os alicerces foram cavados e os membros aumentaram para 60. Três meses mais tarde, duas paredes estão de pé e um chão de cimento foi posto e o número de membros é agora de 70. Seis meses depois, o batistério foi construído, as outras duas paredes já estão de pé e o número de membros subiu para 100. Passado um ano, o telhado foi colocado, existem bancos de madeira e o número de membros atingiu os 150. Os acabamentos mais finos terão que esperar, contudo, à medida que a igreja, neste momento, já começou um grupo que adora num chão sujo com esteiras de palha, mais fundos para um edifício serão direcionados para ajudar o novo grupo. Penso que Paulo se refere a estes templos em mudança, cada parede sustentando a outra. Nós, sendo pedras vivas nesta Igreja, podemos tornar-nos num marco dinâmico para Cristo.

Metáfora 3: A Noiva

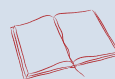
A terceira metáfora envolve uma confissão pessoal. Gosto muito de casamentos. Existe alguma coisa de verdadeiramente atraente relativamente àqueles belos arranjos de flores. E depois temos a noiva (II Cor. 11:2); qualquer mulher se torna numa beleza, vestida de branco e brilhando de felicidade. Aos olhos de Deus, esta Igreja, com todas as suas faltas, não é uma mulher comum. Nós tornamo-nos radiosamente be-

los quando nos apaixonamos por Jesus e somos envolvidos na pureza daquilo que Ele fez por nós.

Metáfora 4: A Família

Penso que não poderei classificar a família como uma metáfora. A Igreja não é *semelhante* a uma família para mim; é a minha família. Ao longo das duas últimas décadas, a maioria dos meus familiares de sangue tem estado sempre distante; mas sempre tive uma família. Pessoas que me motivaram. Pessoas que se entusiasmaram comigo ao ouvirem as primeiras palavras da minha filha. Pessoas que lamentaram connosco a morte do nosso primeiro filho – não me refiro a multidões de pessoas, somente algumas – somente a minha família.

Há alguns anos, os meus pais fizeram uma curta passagem por Roma e, sendo sábado, decidiram ir à Igreja. Uma mulher que falava inglês aproximou-se deles e traduziu o culto e insistiu que os meus pais almoçassem com ela e à tarde ela mostrar-lhes-ia a cidade. A hospitalidade não terminou por aqui. A mulher e o seu marido libertaram o seu quarto para que os meus pais pudessem dormir na cama deles. No aeroporto, a minha mãe,



A Igreja

“A Igreja é a comunidade de crentes que confessam Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Em continuidade com o povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento, nós somos chamados a sair do mundo; e juntamo-nos para adorar Deus, para confraternizar uns com os outros, para sermos instruídos na Palavra, para celebrar a Santa Ceia, para servir a humanidade e para proclamar o evangelho a todo o mundo. A Igreja obtém a sua autoridade de Cristo, que é o verbo encarnado, e das Escrituras, que são a Palavra escrita. A Igreja é a família de Deus; e os seus membros foram adotados por Ele como Seus filhos, e vivem sob a nova aliança. A Igreja é o corpo de Cristo, uma comunidade de fé da qual o próprio Cristo é a Cabeça. A Igreja é a noiva pela qual Cristo morreu para que a pudesse purificar e santificar. Quando Ele regressar triunfante, apresentar-Se-á a Si mesmo uma Igreja gloriosa, composta pelos fiéis de todos os tempos, comprada pelo Seu sangue, sem mácula nem falha alguma, mas santa e irrepreensível.”²

espantada pela bondade, tentou expressar a sua gratidão. A mulher respondeu com um sorriso: “É o mínimo que alguém pode fazer pela família.” Família? Sim, nós somos provavelmente completos estranhos e, no entanto, somos família (Efé. 3:15).

Quando penso na enorme missão que esta Igreja enfrenta de levar este Evangelho do Reino a todo o mundo, poderia sentir-me esmagada. Ao observar a Igreja, vejo que puxamos frequentemente em direções opostas. Poderia sentir-me desiludida. Ao observar a minha própria vida, vejo promessas quebradas e contradições distorcidas. Poderia sentir-me desesperada. Mas Jesus prometeu: “Para a apresentar a Si mesmo, Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efé. 5:27). Eu desejo continuar a ser uma parte da Igreja de Deus. Eu desejo ser uma parte do milagre de Deus. ✦

· Chantal J. Klingbeil

Professora, dona de casa e autora

1. <http://www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=5#aigreja>; ver *Os Adventistas do Sétimo Dia creem...*, Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais, Associação Pastoral, Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Publicadora Atlântico, S.A., Sacavém, 1989, p. 132.

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
29	30	31	1 Êxodo 20:6 	2 Levítico 19:18 	3 Noé (Gênesis 6:1-9:17) Revê a lição da Escola Sabatina.	4 Deuteronómio 5:10 Dia Mundial contra o Cancro.
5 Deuteronómio 6:5 	6 Deuteronómio 7:9 Orar pelos meus colegas.	7 Josué 23:11 	8 Salmo 18:1	9 Salmo 70:4	10 Abraão (Gênesis 15, 17, 22; Romanos 4:1-5, 9-25)	11 Salmo 97:10 Ora pelos teus pais.
12 Salmo 116:1	13 Salmo 119:97	14 Provérbios 8:17	15 Provérbios 3:12 Ora pelos/as teus/tuas tios/as.	16 Salmo 18:2 Ora pelos/as teus/tuas primos/as.	17 Sara (Gênesis 16:1-15; 18:1-15; 21:1-7) Ora pelas famílias da Igreja.	18 Ora pelo Pastor e pela sua família. Provérbios 17:17 
19 Fazer um desenho de uma história bíblica. Provérbios 22:11 	20 Isaías 61:8 Orar pela minha família.	21 Miqueias 6:8	22 Mateus 5:44 	23 Mateus 19:19	24 Isaque (Gênesis 24, 26) Decorar o verso áureo da lição.	25 Mateus 22:37
26 João 3:16	27 João 15:12 	28 II Coríntios 9:7	29 I João 2:10	1	2	3

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não temos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

Agenda disponível para download em: http://familia.adventistas.org.pt/mcrianca/recur_open.php

Sem Preocupações

E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação, até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o Teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro.” (Daniel, capítulo 12)

“Não andeis cuidadosos, quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. ... E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? ... Mas, buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de

amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.” (Jesus, em Mateus, capítulo 6)

O oposto de fé não é a dúvida mas a preocupação. Deveríamos duvidar de muitas coisas nesta vida. (Por exemplo, deveríamos duvidar das ofertas de riqueza instantânea, licenciaturas terminadas em duas semanas, promessas de amor na Internet e perspectivas imobiliárias encontradas em terrenos radioativos.) As dúvidas poderão conduzir a uma maior fé na realidade, onde encontramos Deus.

A dúvida pode ser benéfica.

A preocupação, por outro lado, sempre esgota, incapacita, enfraquece, exaure. A preocupação consome-nos com toxinas paralisantes. Não existe nada de bom na preocupação, nenhum revestimento de prata, nenhuma justificação adequada. A preocupação é falta de confiança.

Isto pode ser um choque para os “preocupados profissionais”. Provavelmente conhece alguém deste tipo. Preocupam-se com: as suas alergias; o seu dinhei-



ro; os seus filhos; o seu carro; o seu gato; o conflito no Médio Oriente; as portas destrancadas; os sapatos que acabaram de comprar; aquilo que deveriam comer; a borbulha no seu queixo; aquilo que os seus vizinhos possam pensar; os problemas das celebridades; as notícias locais impregnadas de medo; preocupam-se que tu não te preocupes o suficiente.

Será que têm consciência de que a preocupação é viver sem fé? Será que se apercebem da dor que causam ao seu Deus? Se o seu filho mais novo admitisse: “Não tenho a certeza de que possas tomar conta de mim, e estou sempre preocupado”, isso não partiria o seu coração? Não tentaria de todas as maneiras possíveis reassurar o seu filho? Deus sussurra entre lágrimas: “Por favor, para o bem de ambos, confia em Mim!”

As preocupações válidas são diferentes no sentido de que nos motivam à ação. Aqui está a principal diferença entre a preocupação e a inquietação válida: *Pode fazer alguma coisa acerca disso?* Se puder, então, faça-o. Se não puder, ore acerca disso e deixe-a nas mãos fidedignas de Deus. Ponto final.

Particularmente, as preocupações e a paranoia Adventista sobre o tempo da angústia estão terrivelmente erradas. Falando a sério, não consigo pensar num só benefício que concentrarmo-nos nisso trará à Igreja. Algumas pessoas fazem uma lista das vantagens da “prevenção”, mas todos os supostos benefícios desvanecem-se diante do espectro (espero eu, em grande parte, no passado) de crianças Adventistas a tremerem na cama, imaginando atrocidades cada vez mais hedion-

das, “piores do que podem imaginar”.

Temos desperdiçado energia de mais temendo o próprio medo. Será que acreditamos, verdadeiramente, que o amor perfeito afasta *qualquer* medo? Pense em quantos crentes Adventistas se preocuparam e prepararam para o tempo da angústia – e morreram sem o viverem. Passaram a sua vida a temê-lo desnecessariamente. Não é uma tragédia?

Além disso, números incontáveis de pessoas já passaram pelo seu tempo de angústia. Já foi excessivamente mau o que sucedeu no Ruanda, quando dez mil pessoas por dia – oitocentas mil no total – foram despedaçadas pelas catanas dos seus vizinhos e antigos amigos. Já foi excessivamente mau o que sucedeu nos campos de morte do Camboja. Já foi excessivamente mau o que aconteceu em regiões do Kosovo e de Timor Leste. Mas também já foi excessivamente mau o que sucedeu a milhões, incluindo crianças, que ficaram marcados pela traição e amargura do divórcio. Não pode haver nada pior para as vítimas de cancro ou de fibrose cística ou da síndrome de fadiga crónica, para aqueles que perderam um filho, para os milhões de crianças que se prostituem, para os que definham devido à praga da solidão.

Precisamos de parar de falar só sobre coisas que nos angustiam. Qual de nós, quando visita um ente querido, o melhor amigo que não víamos há anos, falaria acerca da viagem? Vai visitar o seu amigo. Vai lamentar-se acerca das longas filas no aeroporto e da possibilidade do atraso do voo e da comida intragável que lhe servirão? Não, vai falar sobre a alegria que é

abraçar o seu amigo. “Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima, e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima”, diz a Bíblia.

Uma das curas para a preocupação é viver com uma atitude de gratidão. Saboreie cada segundo precioso. Conseguimos ver um nascer do Sol rosado? Podemos ouvir o som triste de um oboé? Podemos saborear uma salada succulenta? Sentir o cheiro do pão a cozer? Tocar nos dedos de uma criança? Sentar-se e embaciar um espelho? *Obrigado, Senhor.* Não se preocupe; sinta-se grato.

Uma jovem perguntou-me um dia: “O que estudaria na Bíblia para se preparar para o tempo do fim?”

“Estudaria os Evangelhos”, respondi, “Mateus, Marcos, Lucas e João”.

Ela pareceu surpreendida. “E como é que isso ajudaria, exatamente?”, perguntou.

“Para podermos superar todos os tempos de angústia da nossa vida”, disse eu. “Conheceremos Jesus, apaixonar-nos-emos completamente por Ele, porque a melhor forma de superar qualquer crise é confiar numa amizade viva, amável, momento a momento com Deus.”

Jesus é o Príncipe da Paz. Ele acalma as nossas tempestades. Ele coloca uma mão no nosso ombro e diz suavemente: “Paz, sossega.” Ele cura-nos da nossa preocupação doentia.

Uma das muitas expressões que me agradam nos amigos Australianos é *No worries, mate!* (“Sem preocupações, amigo!”) Aparentemente, Jesus concorda plenamente.

Adaptado de Chris Blake, *Swimming Against the Current*, Pacific Press Publishing Association, Nampa, Idaho, Oshaw, Ontario, Canada, 2007, pp. 238 e 239.

1) Quando e por quem foi pronunciada esta bênção:
“Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus”?

2) Onde se encontram na Bíblia as qualidades de uma esposa perfeita?

3) Que cidade foi construída com duas perdas humanas?

4) Que rei é descrito como muito forte e corpulento?

5) Por que preço foi José vendido pelos irmãos?

Consulta a tua Bíblia nos livros de Génesis, Juízes, I Reis, Provérbios e Lucas. Confere as respostas no próximo número da Revista Adventista.

Boa pesquisa!

P&R

soluções

1. 20 siclos de prata (Gén. 37:28).
2. Quando Moisés foi chamado por Deus (Êxodo 3:2-4).
3. Efraim (Juízes 2:8 e 9).
4. Vendedora de púrpura, a primeira convertida na Europa (Atos 16:14).
5. Trombetas de carneiros (Josué 6:13).

P&R

dezembro 2011

Confia em Deus

A seguinte mensagem foi apresentada por Ellen White como uma meditação matinal numa conferência ministerial ligada à sessão da Conferência Geral de 1893, em Battle Creek, no Michigan. Não só é pertinente para aquela geração de obreiros da Igreja, mas desafia pessoalmente cada filho de Deus.

Que sagrado encargo Deus nos entregou, ao tornar-nos Seus servos para ajudar no trabalho de salvar almas! Ele confiou-nos grandes verdades, uma mensagem muito solene e probante para o mundo. O nosso dever não é simplesmente pregar, mas ministrar, aproximarmo-nos do coração. Deveríamos utilizar com habilidade e sabedoria os talentos que nos foram confiados, para podermos apresentar a preciosa luz da verdade da forma mais agradável e mais adequada para conquistarmos almas.

Paulo assim fala do ministério da nova aliança: “Da qual estou feito ministro, segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a Palavra de Deus; o mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos Seus santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança de glória; a Quem anunciamos, admoestando a todo o homem, em toda a sabedoria, para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a Sua eficácia, que obra em mim poderosamente” (Col. 1:25-29). Que responsabilidade! Aqui é revelado um trabalho que é mais laborioso do que a mera pregação da Palavra, ou seja, representar Cristo no nosso caráter, sermos epístolas vivas, conhecidas e lidas por todos os homens.

O Que Nos Move?

“Porque o amor de Cristo nos constrange” (II Cor. 5:14). Devemos cultivar o amor, e se aqueles por quem trabalhamos, não apreciarem os nossos esforços, não devemos permitir que o descontentamento ou os sentimentos errados dominem o nosso coração. Pensamentos de murmuração, invejas e suspeitas maldosas amarguram a vida e arruinam os trabalhos. Foi o Senhor que nos chamou para realizarmos este trabalho, e devíamos ter os olhos fixos na Sua glória. Não podemos confiar nos nossos próprios esforços, como se pudéssemos converter as almas. Só Deus pode convencer e converter. Jesus convida os pecadores a virem até Ele com todos os seus fardos, e Ele lhes dará descanso e paz.

Não nos esqueçamos nunca de que Jesus nos ama. Ele morreu por nós, e agora vive para interceder em nosso favor. E o Pai também nos ama, e deseja a nossa felicidade. “Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes O entregou por todos nós, como nos não dará também, com Ele, todas as coisas?” (Rom. 8:35). Irmãos, deveriam dar o exemplo de fé, confiança e amor às igrejas sobre as quais o Senhor vos tornou supervisores. Farão o vosso trabalho com fidelidade, no temor de Deus? Sentirão que devem valer-se de cada oportunidade para obterem graça e poder do alto, para que possam prestar a Deus o melhor serviço possível?

Se, como obreiros na causa de Deus, sentem que tiveram mais preocupações e desafios do que as supor-

tadas por outros, lembrem-se de que, para vocês, existe uma paz desconhecida daqueles que evitam estes fardos. Mas não descarreguem as vossas provações sobre os outros, não se lamentem por causa delas. Existe conforto e alegria no serviço de Cristo. O Cristão oferece ao Senhor todos os seus afetos, mas recebe e dá; e a sua linguagem não é a de um murmurador ou de alguém que está constantemente em apostasia. Não faz qualquer esforço por parecer justo, mas a sua vida demonstra que é guiado pelo Espírito Santo. Pode falar com segurança da sua esperança em Cristo, pois não tem ele a promessa de Deus? Se tiver cumprido as condições sobre as quais essas promessas estão baseadas, Deus empenha a Sua palavra em que fará por ele, mais do que que pede.

Fale de Fé – Não de Dúvida

Honramos mais Deus quando confiamos mais n'Ele. A ansiedade e a preocupação no Seu serviço, falar de medos e dúvidas quanto a saber se estamos salvos, revela egoísmo e descrença. A verdadeira fé é mais solícita em saber o que pode ser feito hoje. À medida que assumimos os nossos deveres, um a um, eles surgirão no lugar adequado, e o fiel cumprimento desses deveres, por mais pequenos que sejam, abre um campo onde todos os poderes da mente podem ser empregues no serviço de Deus. Nós conheceremos e obedeceremos à Sua vontade.

Irmãos na fé, não expressem dúvidas. Sigam de perto o vosso Guia. Só prescindindo d'Ele, poderão perder

É um privilégio exaltado estar ligado a Jesus. Em qualquer desafio, podemos ter a consolação da Sua presença. Podemos viver na própria atmosfera do Céu.



o vosso rumo; porque o Senhor vos cercou por todos os lados. Na hora mais escura, Jesus será a nossa luz. “Mas, a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais, até ser dia perfeito” (Prov. 4:18). É um privilégio exaltado estar ligado a Jesus. Em qualquer situação probante, podemos ter a consolação da Sua presença. Podemos viver na própria atmosfera do Céu. Os nossos inimigos podem lançar-nos na prisão, mas os muros da prisão não

podem impedir a comunicação entre Cristo e a nossa alma. Aquele que vê cada fraqueza nossa, que conhece cada prova está acima de todos os poderes terrestres. Os anjos podem vir até às nossas celas isoladas, trazendo luz e paz do Céu. A prisão será como um palácio, porque o rico em fé habita ali, e as paredes sombrias serão iluminadas pela luz celestial, como quando Paulo e Silas oraram e cantaram louvores à meia-noite na masmorra em Filipos. Bunyan estava

enclausurado na prisão em Bedford, e daí emitiu uma luz que tem iluminado o caminho para a cidade celestial.

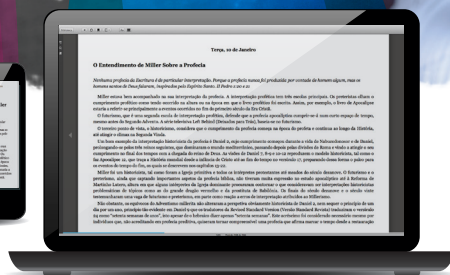
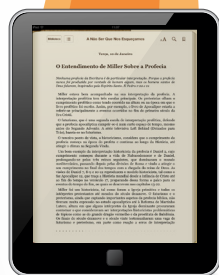
Deus é a “Rocha da nossa Salvação”, uma ajuda presente em todos os momentos de necessidade. Vamos, então, deixar de ser crianças em Cristo, para sermos soldados da Cruz, ousados e firmes, regozijando-nos por sofrermos pela vontade de Deus. ☞

• Ellen G. White,
pioneira da IASD

Agora + acessível do que nunca!



O livro de Meditações Matinais
A Não Ser que Nos Esqueçamos já
está disponível como livro digital
para leitores de e-books, através
da loja internacional Amazon!



À venda na loja
Amazon® amazonkindle

brevemente na Apple Store®
iBooks

Disponível para todas as plataformas
PC // Mac // Android // iOS

Siga a Publicadora SerVir
nas **redes sociais**

e descubra **mais títulos** disponíveis!

 twitter.com/PSerVir

 facebook.com/PSerVir



Publicadora SERVIR 

Rua da Serra, 1 – Sabugo Tel.: 21 962 62 00
2715-398 Almargem do Bispo Fax: 21 962 62 01
Portugal publicadora@pservir.pt

www.publicadora-servir.pt

